



SILAS

II Seminário Internacional de Literaturas dos Países Africanos de Língua Portuguesa

Caderno de Resumos

09 a 11 de setembro de 2025

www.silasminas.com.br



Tempos, espaços mediações

09 a 11/09/2025

CADERNO DE RESUMOS

SIMPÓSIO 1

OS 50 ANOS DE INDEPENDÊNCIA

COORDENAÇÃO: NADUSKA MÁRIO PALMEIRA (UFRJ/BRASIL)

Poesia e prosa militante: ferramenta de luta para a independência

Manuel Muanza (Instituto Superior de Ciências da Educação – ISCED - de Luanda)

Revisitando a poesia e a prosa produzidas por escritores directamente integrados nas organizações da guerrilha, pretendemos reler a mensagem veiculada por uma literatura que se instituiu como ferramenta para a consciencialização e mobilização do colonizado com a finalidade de o inserir na luta e na resistência para a independência. A releitura visará os textos poéticos de António Cardoso (em *Panfleto Poético*) e as narrativas de ficção de Costa Andrade (em *Estórias de Contratados*) e Pepetela (em *As Aventuras de Ngunga*). Sobre o lugar da literatura na compreensão da história, tomaremos as colocações teóricas de Laurence Giavarini, em *Histoire, littérature, vérité. Sur la littérature comme geste historiographique*.

Palavras-chave: História; poesia; prosa; resistência; independência.

50 Anos da Independência de Moçambique: uma Análise à luz do Acto Colonial de 1933 e da Escrita Literária

Janato Iussufo Janato (Academia de Línguas e Letras/UEM)

O estudo do Acto Colonial de 11 de Abril de 1933, cuja lavra, historicamente, tem sido atribuída a Quirino de Jesus e Armindo Monteiro, é deveras fundamental, visto ser um dos diplomas legais imprescindíveis para a compreensão da História Colonial de Portugal e das suas Colónias, como é o caso da então Província Ultramarina que, actualmente, designa-se República de Moçambique. Baseando-se na sua Constituição e, mais tarde, no Acto Colonial – com a sua vigência –, cujo regime normativo equipara-se a uma “norma com dignidade e valor constitucional”, Portugal foi aprovando várias leis especiais que se aplicavam a cada situação, que, na sua visão, configurava uma forma de “civilização da colónia”, destacando-se o Estatuto Político, Civil e Criminal dos Indígenas de Angola e Moçambique, entre outros, que eram “diplomas reguladores da vida política, económica, social e cultural do povo moçambicano, à luz do Direito Português, em vigor por força da Constituição e das leis especiais aplicáveis”. Portanto, com a vigência destas normas, nota-se, cada vez mais, uma maior e enorme separação e discriminação entre os indivíduos naturais de Moçambique dos cidadãos comuns do Estado Colonial Português, “por este ser considerado indígena e, por isso, com o direito de se reger por um Direito especial”. Consequentemente, o regime colonial instituiu, para os indígenas, um Direito diferente do estatuído para os portugueses, e, na sua essência, tais leis tinham como fundamento “liquidar a história e o Direito dos povos de Moçambique”.

Palavras-chave: Acto colonial; colónias portuguesas; indígenas; independência; Moçambique; literatura.

Os 50 anos de independência

Benjamim Laurindo Soi Guerra (Professor - Angola)

Os cinquenta anos de independência nacional foram conquistados de forma extraordinária, embora marcados por conturbações sociopolíticas que, de tempo em tempo, foram delineando a vida do povo angolano.

Palavras-chave: Independência; 50 anos; Angola.

***Mayombe* de Pepetela: Literatura como Testemunho e Resistência na Construção da Angola Pós-Independência**

Rosemary Gonçalves Afonso (UFRRJ)

Milene Peixoto Cabral (UFRRJ)

A obra *Mayombe* (1980), de Pepetela, é um marco da literatura angolana que transcende a narrativa da Guerra de Libertação (1961-1975), para se tornar um instrumento de descolonização da memória e da identidade nacional. Partindo da experiência do autor como guerrilheiro do MPLA, o romance articula literatura de testemunho, memória coletiva e crítica às narrativas coloniais, revelando as marcas do período de guerrilha, bem como as contradições internas do movimento de independência. Através da polifonia, os personagens de Pepetela, multifacetados, como o Comandante Sem Medo, o intelectual Mundo Novo e a professora-guerrilheira Ondina, humanizam a luta anticolonial, expondo tensões étnicas, de gênero e ideológicas que desafiam a homogeneização do discurso pós-independência. A floresta do Mayombe, personificada, simboliza tanto a resistência quanto as divisões a serem superadas. Essa análise demonstra como a obra ressignifica a história angolana, privilegiando a escuta de vozes marginalizadas e questionando estereótipos coloniais. Dialogando com teóricos como Carolina Bezerra Machado (2016; 2020), Rafaelly Bonadiman Vieira e Jurema Oliveira (2014; 2020), Seligmann-Silva (2008; 2010), Pierre Nora (1993) e Antônio Candido (2006), propõe-se refletir sobre o papel da literatura como instrumento de resignificação da história, das narrativas hegemônicas e na projeção de futuros possíveis. *Mayombe* não apenas documenta o passado, mas atua como ferramenta de emancipação cultural, ecoando as lutas contemporâneas contra a colonialidade.

Palavras-chave: Descolonização; literatura angolana; memória coletiva; Pepetela; resistência.

Angola e Moçambique: Cinquentenário de independências em disputas

Rosália Diogo (Casarão das Artes Negras e Chefe de Redação da Revista Canjerê, SMC/PBH)

Pretendo apresentar as celebrações realizadas pelos 50 anos de independência de Moçambique e de Angola, por meio do projeto Canjerê. Estou curadora do Instituto Cultural Casarão das Artes Negras, que completa 12 anos de atuação em 2025, promovendo ações de valorização das culturas africana e afro-brasileira em Belo Horizonte. Além do projeto Canjerê, o Instituto é responsável pela publicação da *Revista Canjerê*, que comemora 10 anos, atualmente em sua 24ª edição. Todo o conteúdo dessa edição é voltado para oferecer informações sobre esses dois países. A publicação atua na promoção de literatura, moda,

culinária, música e debates em torno da luta antirracista. Desde 2015, nossas instituições celebram o aniversário da independência de Moçambique. Por este motivo, o primeiro lançamento das duas edições anuais da revista acontece no mês de junho, para que possamos fazer uma atividade festiva em conjunto. Nos dias 28 e 29 de junho deste ano, voltamos a fazer essa celebração! Desta vez, saudamos também o cinquentenário de independência de Angola, que será comemorada no dia 11 de novembro. Tudo isso, em meio ao novo ciclo da Década dos Povos Afrodescendentes (2025-2034), instituída pela Organização das Nações Unidas - ONU.

Palavras-chave: Independências; Angola; Moçambique; Revista Canjerê; Artes Negras

A Rua como Memória Viva: Cultura e Identidade em *Os da minha rua*, de Ondjaki

Thalys Eduardo Mendes Diniz (USP)

Os da minha rua, obra publicada em 2007, reúne vinte e dois curtos contos que descrevem as vivências de um narrador durante sua infância em Luanda, nos anos 80. As narrativas abordam o cotidiano de um período marcado por profundas transformações políticas e sociais como a guerra civil. Ao mesmo tempo, a obra trabalha as memórias desveladas em um espaço que desempenha um papel central na formação da identidade do narrador, construída a partir de suas experiências e relações com o outro. Nesse sentido, a identidade é formulada em suas alteridades, evidenciando como a memória e o espaço se entrelaçam para moldar o sujeito, enquanto a alternância entre o olhar do narrador infante e suas reflexões adultas conferem uma camada de profundidade e complexidade à narrativa. A pesquisa “A rua como memória viva: cultura e identidade em *Os da minha rua*, de Ondjaki” tem a intenção de investigar como o autor trabalha os fenômenos do espaço e memória no intuito de verificar como esses elementos podem constituir uma identidade cultural por meio de elementos endógenos e exógenos à narrativa, levando em consideração elementos constitutivos, como a rua, a escola, a casa de seus familiares e seu próprio lar. A pesquisa se fundamenta em contribuições teóricas sobre espaço e lugar como Tuan (2012, 2015), sobre memória, Paul Ricœur (2007), a priori para desmistificar como esse fenômeno emerge nas relações sociais levando em consideração o elo entre passado e presente na obra e como eles são essenciais para a construção da identidade cultural do narrador ao longo da narrativa.

Palavras-chave: *Os da minha rua*; Ondjaki; memória; espaço; identidade; cultura.

Bibliotecas Contemporâneas na Era Digital: Desafios e Oportunidades Emergentes para a Produção, Circulação e Recepção das Literaturas Africanas

Joaquim Alfredo Bento Matusse (Biblioteca 21 - Consultoria & Assessoria - Brasil)

Refletir sobre a importância fundamental das bibliotecas contemporâneas (digitais + físicas) na produção, circulação e recepção da produção literária africana, considerando a era digital das sociedades modernas.

Palavras-chave: Bibliotecas; era digital; produção literária.

Como realmente colocar tradições ancestrais na agenda política dos estudos de literatura?

Maryllu de Oliveira Caixeta (UESB – Vitória da Conquista, Bahia)

Uma imagem estereotípica da África foi expandida e multiplicada pela literatura colonial, que estava confortavelmente identificada aos centros europeus e às suas definições do estético, do vernáculo eurofônico, do nacional e da literatura digna de representá-lo. A literatura, nesse modelo moderno/colonialista, é concebida como produto de nações soberanas e homens civilizados, enquanto as tradições ancestrais de povos africanos (com sua oralidade sobressalente, pictogramas, ideogramas, e cosmogramas) ocupam a posição menor/não-autônoma/não-emancipada/infantil de folclore, de literatura prototípica. Esse modelo binário torna-se cada vez mais constrangedor, e embora venha sendo questionado há décadas em estudos teórico-críticos das culturas, continua operante e instituído na separação entre as áreas ocupadas das concepções teóricas do literário eurofônico e as áreas que “aplicam” essa Teoria em estudos de crítica dedicados a literaturas africanas, indígenas, latino-americanas, etc. Nessa divisão do sensível, as concepções de literatura se dividem entre as que têm teoria orgânica e as que fazem informes críticos sobre diferenças culturais relativas aos parâmetros teóricos dos centros. Segundo o *Death of a discipline*, de Gayatri Spivak, no atual sistema-mundo, do século XXI, constatar as diferenças entre as culturas, mesmo quando também se desconstrói valorosamente pressupostos teóricos subalternizantes, mostra-se insuficiente como agenda política. A seu ver, também é necessário se interrogar o conceito de literatura nacional vernácula, e apostar na proficiência em línguas “locais”, em contextos plurinacionais/plurilinguísticos, como os do Sul Global. Chamemos de proficiência “étnica” o que realmente pode colocar tradições ancestrais na agenda dos estudos de literatura. Em vez de nos limitarmos a Saber da diferença do “outro” é algo importante, mas incipiente. As literaturas nacionais canônicas têm feito conquistas muito mais profundas, exigindo de seus leitores/tradutores/estudiosos proficiência “étnica”, ou seja, a internalização de tradições ancestrais indo-europeias, que têm colonizado os níveis subconscientes onde operam a sensibilidade, as emoções, os afetos, a imaginação.

Palavras-chave: Tradições ancestrais; teorizações eurofônicas do literário; proficiência “étnica”.

Do outro lado do Atlântico - Transpassando paredes, passeio pelo escuro.

Aline Rocha Menezes (SEE-MG)

O presente artigo tem como objetivo propor um diálogo entre as articulações ficcionais de José Eduardo Agualusa, em *Teoria Geral do Esquecimento* (2012), e as tensões sociais e político-econômicas em uma Angola que luta por liberdade. Entrelaçam-se ao corpus, a memória e a clausura, na perspectiva de um narrador que revela as incongruências de Ludovica, protagonista da obra, que remodela suas práticas discursivas. Nesse sentido, um fatídico acontecimento do autoenclausuramento de Ludovica converte-se em personificação simbólica do enfrentamento da metrópole contra a independência da colônia. Nessa linha, nossa hipótese tem como eixo um fazer literário de autoreferencialidade e metadiscursividade que Agualusa insere no romance estreitamente relacionados com eventos históricos e

interpenetra nas bases memorialísticas e epistemológicas sob a égide da ótica colonialista reconstruindo a memória nacional, reconfigurando a historiografia dita como oficial, dando voz a pessoas comuns.

Palavras-chave: Angola; clausura; esquecimento; independência; metadiscursividade.

Glória de Sant'Anna, as fraturas do silêncio

Guilherme de Sousa Bezerra Gonçalves (CP2, UFRJ)

São múltiplas as fronteiras em que se encontra a palavra na poesia de Glória de Sant'Anna. Portuguesa radicada em Moçambique, em 1959, a poetisa é reconhecida por seu lirismo intimista e por uma devoção litúrgica aos silêncios das coisas que desenham uma paisagem do mundo apreendida, com extrema precisão, por meio de uma dicção literária muito particular. Ao investigar segredos aquáticos e movimentos próprios à natureza – algumas das recorrentes metáforas presentes em sua obra, reunida em Amaranto (1989) –, Glória compreende, em igual medida, seu papel em um país fraturado pela guerra colonial e as consequentes expropriações, rupturas e carências que dela decorrem. A esse cenário de crueldade, a poetisa responde com um profundo silêncio, tema de seus versos, mas, especialmente, mecanismo constitutivo de uma linguagem que flerta com a retenção e a economia verbal. Nesse sentido, esta comunicação intenta investigar e pôr a lume as diversas estratégias poéticas empregadas por Glória de Sant'Anna para, em um tempo e espaço anteriores à independência moçambicana, assumir, pelas fraturas do silêncio e da palavra, uma postura de forte criticidade à violência colonial.

Palavras-chave: Poesia; silêncio; Moçambique; pré-independência.

SIMPÓSIO 2

LITERATURAS DOS PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA PORTUGUESA NA PÓS-INDEPENDÊNCIA

COORDENAÇÃO:

KAIO CARMONA (UNIVERSIDADE AGOSTINHO NETO/ANGOLA)

FERNANDA BENEDITO (UNIVERSIDADE AGOSTINHO NETO/ANGOLA)

JARDEL PEREIRA FERNANDES (PUC MINAS/CAPES/BRASIL)

Pós-independência de Moçambique e o retrato de uma pseudoliberalidade em *Orgia dos Loucos*, de Ungulani Ba Ka Khosa.

Camila Knebel Fenner (Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul)

Este trabalho tem como objetivo principal analisar a relação entre a obra *Orgia dos loucos* (1990), do moçambicano Ungulani Ba Ka Khosa, e o seu contexto de produção, evidenciando questões sociopolíticas ligadas ao período pós-independência de Moçambique. O livro é composto por nove contos, sendo eles: O prémio; A praga; A solidão do Senhor Matias; Fragmentos de um diário; A orgia dos loucos; Morte inesperada; O exorcismo; A revolta; Fábula do futuro. O espaço das histórias é Moçambique e elas ocorrem, em sua maioria, durante o período pós-independência do país, com exceção de alguns contos que marcam a transição entre o período colonial e a consolidação do país como território independente. Traços desse contexto surgem inevitavelmente nas narrativas a partir do foco do autor no cotidiano de personagens comuns que vivem no cenário moçambicano pós-independência. Além disso, as críticas presentes no livro abrem brecha para discutirmos sobre a liberdade pela qual os revolucionários batalharam na luta por libertação, questionando se ela foi efetiva e se os moçambicanos tornaram-se realmente livres das amarras da colonização após a independência. Os estudos pós-coloniais serviram como base para esse debate, e utilizamos leituras como Ashcroft (2007), Afolabi (2010), Beal (2010), Bhabha (2013), Cabaço (2009), Césaire (2020), Curtin (2010), Fanon (1961), Laranjeira (1995), Leite (2010), Newitt (2002), Ngoenha (1993; 2022), Noa (2015), Said (1990) e Visentini (2012), principais expoentes na área, juntamente com vários outros autores dedicados ao estudo das literaturas africanas de língua portuguesa.

Palavras-chave: Ungulani Ba Ka Khosa; Moçambique; pós-independência; literatura moçambicana.

A subalternidade feminina em *Mulheres de cinzas*, de Mia Couto

Gessylene Adriely Lemos Brasil (PPLIN/ FFP – UERJ)

O objetivo desta pesquisa é investigar como o romance *Mulheres de Cinzas*, de Mia Couto, ficcionaliza a subalternidade feminina presente em Moçambique. Pretende-se analisar como a opressão contra o gênero feminino, potencializada pela herança da era colonial, contribui

para a naturalização da violência contra as personagens femininas na obra. Com base na Teoria Pós-Colonial e nos Estudos Subalternos e Decoloniais, o percurso metodológico adotado permite discutir tanto os efeitos históricos da colonização portuguesa em Moçambique quanto as múltiplas problemáticas relacionadas ao gênero em uma nação plurilíngue e multicultural. Nesse sentido, este trabalho apresenta uma análise teórica sobre a condição social da mulher africana, evidenciando como o colonialismo e as estruturas patriarcais tradicionais atuam como forças propulsoras da manutenção de práticas violentas contra as mulheres. Em relação às problemáticas da subalternidade e interseccionalidade, a pesquisa tem como suporte teórico os estudos de Gayatri Spivak (2010) e Anne McClintock (1995), enquanto as demais questões sobre gênero estão alicerçadas em textos teóricos de María Lugones (2020), entre outras autoras.

Palavras-chave: Mulher; literatura africana; Mia Couto; Moçambique.

(Re)existências Africanas na Literatura: o realismo anímico como denúncia de experiências pós-coloniais em contos de Mia Couto

Emanuel Teixeira da Silva (Universidade Estadual de Montes Claros)

O presente trabalho, fruto de um projeto de extensão desenvolvido na UNIMONTES, tem como objetivo a análise do realismo anímico em contos de Mia Couto, com vistas a observar como o mí(s)tico – a sabedoria ancestral africana, o onírico e o insólito – se conjuga ao real(ismo) – a condição (pós)colonial de violência em que povos africanos vive(ra)m –, analisando como a junção desses elementos serve para a construção de uma literatura decolonial, a qual repensa e nomeia a experiência do negro não a partir de uma cosmovisão e de uma língua(gem) europeia, mas, sim, a partir da representação de uma identidade ancestral que é espaço de (re)definição e construção de novos caminhos e modos (negros) de ser e estar no mundo. Dessa forma, justifica-se pela necessidade de repensarmos modos coloniais que se inscrevem sobre a maneira como representamos a África. Assim é que, metodologicamente, não nos valem os conceitos de “fantástico” para a leitura dos contos, noção eurocêntrica que diminuiria a cosmovisão africana à condição de exótica, mas, por meio de uma pesquisa qualitativo-interpretativa, lançamos mão da noção de realismo anímico (Garuba, 2003) para a leitura de dois contos retirados do livro *Vozes Anoitecidas* (2013), de Mia Couto. Como resultados, a análise demonstrou que o animismo não vai de encontro com a expressão da realidade (pós)colonial de povos africanos, mas, sim, serve para a denúncia dela, com a representação da tradição ancestral como espaço e instrumento único de resistência a condições subumanas, a exemplo de situações de guerra e miséria.

Palavras-chave: Literaturas Africanas Pós-Coloniais; realismo anímico; decolonialidade.

"As ruas são sem saída para os que estão à margem": globalização e política em Moçambique com *Z de zanolho*, de Manuel Mutimucio

Renan Henrique Messias de Paulo (UFSCar)

O romance *Moçambique com Z de zanolho* (2018), de Manuel Mutimucio, insere-se numa tradição literária que procura reconfigurar as estruturas de poder e dominação herdadas do colonialismo, por meio de dispositivos estéticos e discursivos que interrogam os legados

culturais da modernidade europeia. A obra apresenta-se como uma alegoria crítica da realidade moçambicana contemporânea, encenando, através de um ludismo semântico, o conflito entre um projeto elitista de anglicização do país e a exclusão social das camadas populares. O debate ficcional sobre a oficialização do inglês revela tensões entre globalização, identidade e memória histórica, demonstrando como a retórica da modernização pode reatualizar desigualdades coloniais sob novas formas. Nessa lógica, o romance permite uma leitura de Moçambique como um espaço de disputa simbólica, em que a língua se torna metáfora do poder. Este artigo adota como aparato teórico a análise de Martins José Chelene Mapera (2019), bem como as contribuições de Miguel Real (2010), Linda Hutcheon (1991) e Inocência Mata (2014), com o objetivo de evidenciar como a literatura moçambicana contemporânea opera a desconstrução da lógica colonial e projeta futuros possíveis a partir da margem.

Palavras-chave: Pós-colonialismo; literatura moçambicana contemporânea; identidade cultural; globalização; descolonização simbólica.

Formas de se reinventar presentes na poesia de Armando Artur

Gabriel Dottling Dias (UFRJ, FAPERJ)

Neste trabalho, proponho refletir acerca das formas de inscrição do sujeito poético propostas por Armando Artur, em sua obra *A reinvenção do ser e a dor da pedra*, publicada em 2018, como um modo de escrever e entrelaçar sua história pessoal e a de Moçambique. Conhecido por ser um dos fundadores da Revista Literária Charrua, a poeisis do autor é marcada por um “lirismo intimista” (Secco, 2024, p. 180) marcado por uma linguagem “de apuro e esmero estético” (idem). Severino Ngoenha adverte sobre uma terceira via possível para reimaginar e reconstruir Moçambique. Nas palavras do filósofo moçambicano, “É imperioso que nos reconciliemos com a nossa história, o que significa, em primeiro lugar, reconhecer que, nas tramas dela, o mérito dos nossos sucessos e as responsabilidades pelos nossos insucessos são sempre partilhados” (Ngoenha, 2019, p. 719). Portanto, o que desejo conjecturar, com base na análise de alguns poemas da obra *A reinvenção do ser e a dor da pedra*, é como o autor interroga e escreve sua existência e a da própria Moçambique, de modo a inventar novos espaços, imagens e sujeitos poéticos.

Palavras-chave: Escrita de si; história; Poesia Moçambicana; Armando Artur.

Marcas da contemporaneidade no romance *Os vivos e os outros*, de José Eduardo Agualusa

Carlos Eduardo de Oliveira Bezerra (UNILAB)

Nesta comunicação oral, apresentamos os resultados parciais de uma pesquisa do tipo bibliográfica e qualitativa, cujo objetivo geral é investigar a obra do escritor angolano José Eduardo Agualusa, mais especificamente o seu romance *Os vivos e os outros*, publicado no Brasil pela editora Planeta, sediada em São Paulo, em 2020. Os objetivos específicos da pesquisa são: identificar as marcas da contemporaneidade no referido romance; discutir como estas marcas representam a contemporaneidade a partir do trabalho ficcional de um autor do Sul global, que escreve em língua portuguesa, fazendo uso também de palavras e expressões de línguas africanas como se pode constatar no texto. As hipóteses da pesquisa são: a

contemporaneidade é representada sobretudo pelo envolvimento humano com a Internet, as redes sociais e com aparelhos e marcas que utilizamos atualmente para nos comunicarmos através das tecnologias digitais. Além disso, o texto é marcado pela metalinguagem, uma vez que incorpora, além da crítica literária propriamente dita, os registros de práticas de autores contemporâneos. Entre essas práticas se destacam: a participação em eventos literários como festas, feiras e bienais do livro, pois no contexto do romance e na contemporaneidade já não basta aos autores que escrevam. É preciso que eles divulguem as suas obras através das redes sociais e da presença física e em tudo o mais que o faça igualmente conhecido do maior público possível.

Palavras-chave: Literatura angolana; romance; contemporaneidade.

Memórias e tradições na literatura angolana pós-colonial: formulações e críticas

Jandira Francisco Domingos (UFSC)

O presente trabalho, realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), tem como finalidade refletir e analisar a condição da literatura angolana pós-colonial, escrita primariamente nos anos iniciais da independência do país, em 1975, frente ao regime colonial português. Uma literatura que tornou-se uma das formas de pensar Angola livre, em seus novos rumos e paradigmas. Isto fora o ato mais profundo de transcender os paradoxos coloniais impostos por seres, gestos e vozes “não angolanas” e “não africanas”. Pois os mesmos não conheciam a essência do canto da tradição viva, ressoada pelos Griots, imbuída pela sabedoria ancestral, que falavam as palavras (kuma) pelas línguas além do mar. Afinal, a arte literária sempre esteve nas fileiras das lutas contra o império colonialista, impulsionando a libertação dos sonhos oprimidos e subalternizados. Isto é, a regeneração e liberdade de Angola também adveio das várias palavras poéticas que ecoaram o grito de luta, de emancipação do país e da própria Mãe África. Similarmente, a escrita literária pós-colonial esteve na missão do reajustamento do ecossistema, que padecera com o ato violento da invasão colonial, da regeneração do vínculo entre o corpo e a palavra, o som e o gesto, a história e a memória, a arte e o cotidiano, a história do indivíduo e a memória coletiva ancestral, (Leda Martins, 2003). Para isto, nos apoiaremos e analisaremos as obras *Amargos como os frutos* (2011), da escritora Ana Paula Tavares, e *O livro do deslembramento* (2022), do escritor Ondjaki.

Palavras-chave: Literatura angolana; tradições; memórias; pós-colonialismo.

O sujeito fragmentado no conto “Eles não são como nós”, de José Eduardo Agualusa

Izabela de Souza Gomes (PUC Minas/CNPq)

O conceito de identidade é constantemente abordado nas literaturas africanas de língua portuguesa e ressoa incisivamente nas obras do escritor angolano José Eduardo Agualusa, que se dedica a escrever, por meio de narrativas por vezes inesperadas e insólitas, sobre uma identidade individual e coletiva de sujeitos fragmentados pelos processos traumáticos de colonização, independência e pós-independência, em um contexto de guerras: a de independência e a civil. Assim, torna-se objeto de discussão deste artigo um de seus contos intitulado “Eles não são como nós”, a partir do qual buscarei refletir como esses sujeitos

fragmentados são construídos na narrativa, tendo em mente que essa fragmentação se dá pelos processos de desconstrução e reconstrução histórica encenados pela ficção. Para contribuir com a discussão deste artigo disponho dos estudos de Bernard (1992), Hall (2006), Seligmann-Silva (2008), Ricoeur (2007), entre outros estudiosos e críticos.

Palavras-chave: Identidade, Memória, História, Angola.

A substantiva amarelidade dos desertos: paisagens contra-hegemônicas na poesia de Ruy Duarte de Carvalho

Juliana Campos Alvernaz (UFES)

Nesta fala, pretende-se refletir sobre a paisagem em textos poéticos angolanos que direcionam o olhar para o sul do país, com destaque para a produção de Ruy Duarte de Carvalho. Para essa reflexão, mobiliza-se o conceito de paisagem de Michel Collot (2012, 2013), fundamentado na fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty, que aborda o “pensamento-paisagem” e sua relação com a literatura. Como Collot apreende a paisagem a partir da percepção do corpo do sujeito observador, estabelecendo uma “solidariedade entre o corpo perceptor e o mundo percebido” (2012, p. 38), articularemos essa discussão com as formulações sobre as poéticas da oralitura e o corpo-tela, de Leda Maria Martins (2021). Além disso, recorre-se ao geógrafo Marandola Jr. (2020) para delinear a noção de Paisageabilidade, definida como um campo fenomenal em que o sensível se move. Nesse sentido, olhar ou ler a paisagem não é um ato de ação apartado do mundo, mas uma irrupção como modo de ser paisagem, a qual se constitui a partir de uma pedagogia do olhar. A poesia de Ruy Duarte de Carvalho, ao engendrar sujeitos poéticos atravessados por uma noção geográfica de votação ao sul, recusa a centralidade urbana e desconsidera as demarcações coloniais. Percebe-se, portanto, um movimento contracolonial (Bispo dos Santos, 2023) que propõe pensar o espaço fora das amarras estruturantes da colonialidade.

Palavras-chave: Ruy Duarte de Carvalho; paisagem; literatura contra-hegemônica.

Ana Olímpia: representatividade e resistência feminina em contexto colonial na escrita ficcional de José Eduardo Agualusa

Alexandre Lira Sá (UEAM/FAPEAM)

Em *Nação crioula* (1997), romance de José Eduardo Agualusa, encontramos personalidades atuantes na luta contra a colonização em África, mais precisamente em Angola, ambiente de destaque na obra do autor angolano. Entre essas figuras está Ana Olímpia que um dia também esteve em condição de subalternidade, filha de uma escravizada com um príncipe congolês. Apesar da pouca idade, a jovem angolana casa-se com o escravocrata Victorino Vaz de Caminha que, por sua vez, proporciona-lhe uma boa educação e uma formação intelectual privilegiada. Após a morte do escravocrata, Ana Olímpia se torna uma voz importante nesse cenário de combate à escravidão. Dito isso, convém analisar a figura feminina nesse contexto reinventado por Agualusa para repensarmos a atuação feminina mediante os conflitos entre o colonizado e o colonizador. A construção dessa personagem é significativa porque simboliza a representatividade da mulher angolana na sociedade e o lugar de destaque que ocupa em um cenário de repressão. A última carta do romance *Nação crioula* é escrita por Ana Olímpia,

momento este em que é possível identificar o olhar da personagem acerca da sua própria história e de suas perspectivas após a morte de seu companheiro Fradique Mendes, um intelectual português que, até então, esteve presente ao seu lado nos combates travados contra a imposição portuguesa em Angola e Brasil. Para essa análise crítica, consultamos alguns estudos de Lima (2016), Chaves (2022), Macêdo (2008), entre outros, que visam fortalecer as discussões aqui pretendidas.

Palavras-chave: Ana Olímpia; representatividade; resistência; colonização; *Nação crioula*.

A Estética Afrofuturista nas Literaturas Africanas de Língua Portuguesa: O Caso de Pepetela

Letícia Beatriz Zanchetta (PPGLIT/UFU)

Este trabalho consiste em uma pesquisa inicial de Mestrado, em que investigamos sobre a presença do Afrofuturismo nas literaturas africanas de língua portuguesa, pois tal movimento estético e político, ao mesclar elementos da ficção científica com as tradições e culturas africanas, são mais facilmente encontradas nas obras de escritores afro diaspóricos, principalmente, na América do Norte, do que em países africanos de língua portuguesa. Isso posto, compreendemos que os escritores africanos dos países de língua portuguesa também estão comprometidos em imaginar como será o futuro das populações africanas, bem como valorizar suas contribuições, desmistificando o estereótipo de África enquanto continente pobre, sem nenhuma contribuição intelectual. Nessa esteira, até o presente momento, destacamos o escritor angolano Pepetela como um caso que se destaca e incorpora em sua ficção elementos imprescindíveis para o Afrofuturismo. Assim, nosso corpus é a ficção apocalíptica *O quase fim do mundo* (2018), de Pepetela. Aqui, por meio da distopia e da utopia, recursos da FC, Pepetela valoriza África como o continente onde a vida humana terá seu início mais uma vez. A partir disso, nosso objetivo é analisar como a estética afrofuturista se presentifica no romance. Como fortuna crítica recorreremos aos estudos de Rita Chaves (1999), Inocência Mata (1999;2012), Laura Padilha (2002), Mirella Portela e Maria Aracy Pinto (2019), Ytasha Womack (2024), entre outros. A importância desta pesquisa justifica-se por contribuir com as pesquisas sobre o Afrofuturismo nas literaturas africanas de língua portuguesa, tendo em vista que tais problematizações são recentes no meio acadêmico.

Palavras-chave: Afrofuturismo; distopia; utopia; literaturas africanas de língua portuguesa.

Poesia e a terra infértil de Cabo Verde: uma análise do poema "A Cevada", de Antonio de Névada

Filipe Pereira Machado (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Proponho uma análise do poema "A Cevada", de António de Névada, inserido na literatura cabo-verdiana contemporânea. A partir das tensões entre tradição e experimentação estética, identidade e universalidade, busca-se compreender como a poesia do autor amplia as possibilidades expressivas da literatura do arquipélago. O estudo contextualiza a produção literária de Cabo Verde, destacando a geração Claridade e os debates sobre telurismo, evasão e representação da realidade insular. Examina-se também a trajetória de Névada, cuja obra transita entre diferentes geografias e referências culturais, refletindo-se na

complexidade de suas imagens poéticas e na musicalidade dos versos. A análise do poema considera sua estrutura métrica e rítmica, bem como os principais elementos simbólicos. Destaca-se a ambiguidade na representação da rotina e da precariedade, revelando como figuras e paisagens cotidianas adquirem densidade filosófica. Além disso, observa-se um diálogo intertextual com outras tradições literárias e filosóficas, o que amplia o alcance temático do poema. Conclui-se que a poesia de Névada, ao mesmo tempo que evoca aspectos culturais de Cabo Verde, transcende fronteiras geográficas e identitárias, constituindo-se como espaço de travessia e reinvenção poética.

Palavras-chave: Análise Poética; Cabo Verde; Antonio de Névada; poesia.

Geocrítica e Pós-Colonialismo: Espaço, Memória e Identidade nos Romances *Mistida* e *A Última Tragédia*, de Abdulai Sila

Nado da Cunha (UFBA)

Carlos Eduardo Bezerra (IFRJ – Campus Maracanã)

Este estudo em desenvolvimento investiga a função dos topónimos nos romances *Mistida* e *A Última Tragédia*, de Abdulai Sila, explorando sua dimensão simbólica e histórica na representação da Guiné-Bissau pós-colonial. O objetivo geral é analisar como os topónimos articulam as tensões entre memória, identidade e poder, contribuindo para a crítica literária das literaturas africanas de língua portuguesa no período pós-independência. Os objetivos específicos incluem: (1) mapear a relação entre espaços geográficos e conflitos sociopolíticos nos romances; (2) examinar o potencial simbólico dos topónimos como marcas de resistência ou fragmentação social; e (3) discutir sua relevância para a desconstrução de narrativas coloniais e pós-coloniais. A pesquisa, ainda em fase de aprofundamento, baseia-se em referenciais teóricos como Mata (2023), Padilha (2002), Said (1993), além de diálogos com estudos sobre geografia e literatura como Borges Filho (2007) *Literatura e pós-colonialismo* (Bonnici, 2012). As análises preliminares sugerem que, de um modo geral, os topónimos dão a conhecer a Guiné-Bissau, seja a capital ou a tabanca, em *Mistida*, os topónimos como o "posto de controle" e a "tabanca" refletem a crise de sentido pós-independência, enquanto em *A Última Tragédia* eles demarcam violências históricas e disputas de poder. A hipótese em teste propõe que a toponímia nos romances de Sila opera como um dispositivo crítico, questionando projetos nacionais homogeneizantes, evocando identidades que o colonialismo tentou apagar. Este trabalho busca ampliar a compreensão sobre a representação do espaço na literatura guineense, inserindo-se no segundo eixo temático, com ênfase na reinvenção literária da identidade e do espaço nacionais.

Palavras-chave: Abdulai Sila; geocrítica; pós-colonialismo; identidade nacional.

Circunstâncias na Construção da Personalidade Literária (Reverendo “Brumas Desfeitas, Clausuras Desnudadas”, de Elísio Miambo)

Helena Alberto Macuacua (Professora - Moçambique)

O contexto social é um campo relevante e decisivo para a génese e substanciação da criatividade literária. A actividade criativa, como o caso da literatura, impulsionada pelas circunstâncias da vida cumpre diversas funções, quer educativas, sociais, históricas

capacitando o ser humano a desenvolver múltiplas habilidades como agente inovador. Induzidos pela leitura da obra “Do Espírito da Tradição ao Espírito da Reconciliação”, do filósofo José P. Castiano, que no seu exercício reflexivo sustenta a sua figura filosófica como consequente das circunstâncias da vida, adveio a intuição de desenvolver uma análise similar com os feitos literário. O compromisso do autor textual com a sua época e espaço aproveitados em “Brumas Desfeitas, Clausuras Desnudadas” (2023), obra poética da autoria do escritor Elísio Miambo, substanciou a necessidade de análise das circunstâncias como requisitos para a edificação da personalidade, carácter ou atitude de um autor literário, surgindo o tema referenciado. Esta pesquisa busca desenvolver uma análise interdisciplinar a partir do conceito filosófico de “circunstâncias” como requisitos basilares para esclarecer as circunstâncias de vida incorporados numa determinada obra literária interpretados com o pendor de referências para a construção da personalidade ou postura literária de um determinado autor. Com o efeito, tem-se em mira o contributo de influenciar e capacitar o leitor analista para um exercício sucedido de um estudo focado na personalidade ou carácter de um determinado autor, distante de uma análise biografista de uma obra literária.

Palavras-chave: Circunstâncias; personalidade literária; “Brumas Desfeitas, Clausuras Desnudadas”.

Entre o canto e a ruína: resistência poética e memória em *No fundo do canto*, de Odete Costa Semedo

Manuela Tebet Gonçalves (PUC-Rio)

Esta comunicação propõe uma leitura crítica do livro *No fundo do canto* (2007), da escritora guineense Odete Costa Semedo, no âmbito da literatura produzida nos países africanos de língua portuguesa no pós-independência. A obra, de tessitura lírico-épica, opera como espaço de reconstrução identitária e de resistência simbólica diante dos impasses sociopolíticos da Guiné-Bissau após sua independência, conquistada em 1973. A partir de uma poética ancorada na oralidade, na cosmologia tradicional e na voz feminina coletiva, Odete revisita os efeitos da guerra civil de 1998 e dos descompassos que se seguiram ao projeto de libertação nacional. Esta proposta articula a obra à perspectiva de Amílcar Cabral (1979), sobretudo à sua concepção de cultura como força vital da resistência. Também dialoga com Frantz Fanon (1968), ao identificar, na poesia de Odete, um movimento de elaboração estética dos traumas psíquicos e sociais da colonialidade. Por fim, recorre-se à noção de poético (1989) em Mikel Dufrenne, segundo a qual a arte inaugura um mundo sensível e revelador, para compreender como a palavra poética reconfigura a experiência da história e da dor coletiva presentes *No fundo do canto* (2007). Esta comunicação propõe uma leitura crítica do livro *No fundo do canto* (2007), da escritora guineense Odete Costa Semedo, no âmbito da literatura produzida nos países africanos de língua portuguesa no pós-independência. A obra, de tessitura lírico-épica, opera como espaço de reconstrução identitária e de resistência simbólica diante dos impasses sociopolíticos da Guiné-Bissau após sua independência, conquistada em 1973. A partir de uma poética ancorada na oralidade, na cosmologia tradicional e na voz feminina coletiva, Odete revisita os efeitos da guerra civil de 1998 e dos descompassos que se seguiram ao projeto de libertação nacional.

Palavras-chave: Literaturas africanas de língua portuguesa; literatura guineense; Odete Costa Semedo; *No fundo do canto*; poesia e memória.

Mulheres-vagalumes: existência e resistência feminina na escrita de Ungulani Ba Ka Khosa

Vanessa Ribeiro Teixeira (UFRJ)

A produção ficcional de Ungulani Ba Ka Khosa, iniciada com a publicação de *Ualalapi*, em 1987, é marcada por uma escrita cortante e profundamente crítica, costurada por imagens escatológicas que lançam o leitor num mundo grotesco de podres poderes que só nós, humanos, podemos construir. Ao mesmo tempo, burila as estratégias de resistência ao desumano no humano. Nessa permanente construção de formas de resistir a um mundo agressor, destacam-se personagens femininas, colocando o dedo em riste contra sistemas e práticas de poder que cerceiam vozes, subalternizam existências e ditam limites para os corpos. Na escrita de Khosa, a tirania atravessa os tempos, a troca de bandeiras, as raças, mas a resistência é substantivamente feminina e permanece.

Palavras-chave: Ficção Moçambicana; pós-independência; resistência Feminina; crítica social; Ungulani Ba Ka Khosa.

SIMPÓSIO 3

A HISTORICIDADE DAS LITERATURAS DOS PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

COORDENAÇÃO: ROBERTA GUIMARÃES FRANCO (UFMG/BRASIL)

A Representação Ficcional da História e A (Re)Construção da Memória Colectiva em *Kalunga*, De Manuel Rui

Joaquim Njunga Jeremias (Professor II Ciclo – Angola)

O presente estudo procura trazer à ribalta a questão do romance histórico, como um género muito produtivo, no que diz respeito à interdisciplinaridade da literatura e história no processo de reconstituição histórica por meio da ficção literária, de modo a subsidiar e enriquecer as fontes documentais disponíveis. Por outro lado, o estudo avalia como Manuel Rui, na obra *Kalunga*, revisita as figuras e os acontecimentos históricos de modo a olhar criticamente os elementos que construíram a identidade e a memória colectiva dos angolanos. Para fundamentar o nosso estudo, servimo-nos do realismo, como método e postura, porquanto representação artística que se dispõe a “reproduzir” aspectos do mundo referencial, com matizes e gradações que vão desde a suave e inofensiva delicadeza até a crueldade mais atroz. O nosso objectivo é tecer e discutir a ficcionalização da História presente no romance *Kalunga* de Manuel Rui e suas implicações na construção do imaginário angolano. Em função do nosso objecto de estudo, elaboramos um estudo de natureza qualitativa, usando as técnicas de pesquisa bibliográfica e documental.

Palavras-chave: Ficção; história; literatura; memória; imaginário.

História e Literatura: as lutas de independências pós-coloniais na literatura de Paulina Chiziane, Ondjake e Mia Couto

Rubens Arantes Correa (IFSP – Campus Birigui)

A comunicação pretende discutir o processo intelectual entre história e literatura a partir de referenciais teóricos de Robert Darnton e Roger Chartier a propósito das imbricações entre o texto literário e os fatos históricos. Como é sabido os processos pós-coloniais do século XX foram brutais em todos os aspectos e a literatura, em especial a afro-portuguesa, soube melhor expressar os traumas provocados pelas lutas de libertação nacional. Para o escopo dessa comunicação destacamos a obra de Paulina Chiziane, *Niktche: uma história de poligamia*, Ondjake, *Quantas madrugadas tem a noite* e Mia Couto, *Terra Sonambula*.

Palavras-chave: Literatura Africana; lutas de independências; história e literatura.

Memórias e tradições na literatura angolana pós-colonial: formulações e críticas

Jandira Francisco Domingos (UNILAB)

O presente trabalho, realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), tem como finalidade refletir e analisar a condição da literatura angolana pós-colonial, escrita primariamente nos anos iniciais da independência do país, em 1975, frente ao regime colonial português. Uma literatura que tornou-se uma das formas de pensar Angola livre, em seus novos rumos e paradigmas. Isto fora o ato mais profundo de transcender os paradoxos coloniais impostos por seres, gestos e vozes “não angolanas” e “não africanas”. Pois os mesmos não conheciam a essência do canto da tradição viva, ressoada pelos Griots, imbuída pela sabedoria ancestral, que falavam as palavras (kuma) pelas línguas além do mar. Afinal, a arte literária sempre esteve nas fileiras das lutas contra o império colonialista, impulsionando a libertação dos sonhos oprimidos e subalternizados. Isto é, a regeneração e liberdade de Angola também adveio das várias palavras poéticas que ecoaram o grito de luta, de emancipação do país e da própria Mãe África. Similarmente, a escrita literária pós-colonial esteve na missão do reajustamento do ecossistema, que padecera com o ato violento da invasão colonial, da regeneração do vínculo entre o corpo e a palavra, o som e o gesto, a história e a memória, a arte e o cotidiano, a história do indivíduo e a memória coletiva ancestral, (Leda Martins, 2003). Para isto, nos apoiaremos e analisaremos as obras *Amargos como os frutos* (2011), da escritora Ana Paula Tavares, e *O livro do deslembramento* (2022), do escritor Ondjaki.

Palavras-chave: Literatura angolana; tradições; memórias; pós-colonialismo.

A construção da moçambicanidade nos contos de Paulina Chiziane: entre a memória e o heroísmo

Jayne Expedita Alves Raimundo (UFLA)

Larissa da Silva Lisboa Souza (UFLA)

Pretende-se, neste trabalho, expor uma análise crítica de representação de figuras históricas moçambicanas através da perspectiva da moçambicanidade e o heroísmo nacional utilizando os contos “Quem manda aqui?” e “Maundlane O Criador”, da obra *As Andorinhas* (2019), de Paulina Chiziane. A análise concentra-se na forma como a autora revisita e ressignifica as personagens Gungunhana e Eduardo Mondlane, explorando camadas simbólicas que envolvem a construção da moçambicanidade e do heroísmo nacional. O estudo discute uma memória coletiva baseada nos valores culturais, políticos e espirituais autóctones. Gungunhana, é representado a partir da perspectiva Chope e desmistificado da figura heroica. Já Mondlane, emerge como herói, um mártir, quase um deus, a personificação da moçambicanidade. Através da literatura de Paulina Chiziane, o trabalho discute que a moçambicanidade é construída entre memória e resistência.

Palavras-chave: Moçambicanidade; heroísmo nacional; memória coletiva; valores culturais e resistência.

***Choriro*, de Ungulani Ba Ka Khosa: um romance histórico pós-colonial sobre o tempo dos prazos**

Marcos Vinicius Caetano da Silva (SEE/DF)

Choriro (2009) é um romance escrito pelo escritor moçambicano Ungulani Ba Ka Khosa. O romance histórico é uma forma estética que, de acordo com o seu principal teórico, o filósofo húngaro György Lukács, é responsável por figurar o movimento do tempo se utilizando dos extremos de luta. Assim, o passado se torna pré-história do presente. No tocante ao romance do corpus, os achicundas configuraram um grande domínio até o século XIX que, posteriormente, fez oposição à colonização portuguesa efetiva. Teria isso relação com o presente no qual Moçambique precisa lidar com a influência estrangeira? Dessa forma, procuraremos averiguar os resquícios do império colonial nas relações de poder do presente e de que forma a arte de Moçambique se mostra resistência à opressão externa.

Palavras-chave: Moçambique; Ungulani Ba Ka Khosa; romance histórico; império.

O papel dos movimentos juvenis na salvaguarda da literatura africana de língua portuguesa: o caso de Angola

Isabel Matondo Garcia Sango (Círculo de Estudos Literários e Linguístico Litteragris – CE3L/Angola)

A presente comunicação pretende refletir sobre o papel dos movimentos juvenis angolanos na preservação, renovação e democratização da literatura de língua portuguesa, com foco no contexto angolano. Serão analisados coletivos como a Brigada Jovem de Literatura Angolana (BJLA), Lev'Artes, Litteragris e Kasemba Terra Preta — grupos que, ao longo das últimas décadas, influenciaram significativamente o surgimento de novos formatos expressivos, como o spoken word, e marcaram uma viragem estética e política após o enfraquecimento público da Geração 80. A partir dessa trajetória, propõe-se compreender como esses movimentos contribuíram para manter viva a produção literária, formar novos leitores e escritores, e garantir a continuidade das narrativas africanas em espaços juvenis e populares.

Palavras-chave: Movimentos juvenis; literatura angolana; Spoken word; Geração 80; pós-independência e produção literária contemporânea.

A mulher na sociedade colonial angolense: trânsitos, feitiços e a morte como aliada em *Nga Muturi* e *O Segredo da Morta*

Rayane Gabriela de Souza (UFMG)

Após a intensificação da presença portuguesa as sociedades angolanas sofreram fragmentações e reformulações, a implantação da cultura europeia e do sistema colonial criou uma (re)configuração das populações em Angola a fim de concretizar o projeto de dominação e consolidação do colonialismo, impactando a maneira de viver dos povos que já viviam nesse espaço. Marcada pela intensa migração e trânsitos internos assim como pelo comércio e crenças locais, a sociedade angolana como era anteriormente ao período colonial se viu diante de uma nova dinâmica que resultou na estratificação dessa sociedade de acordo com o

modelo imposto pelo sistema colonial português. A mulher angolana talvez tenha sido a mais afetada nessa nova conjuntura política e social, sofrendo diversas formas de violências, desde a intelectual à física. Contornando as expectativas colonialistas impostas a seus corpos ambas recorrem aos saberes da terra, se posicionando contra a estrutura de uma sociedade inventada que visava mantê-las objetificadas e na subalternidade. Nga Ndreza (Nga Muturi, 1882) e Ximinha Reis (O Segredo da Morta, 1934), respectivamente uma quituxi e uma pertencente à “burguesia” local, são duas protagonistas que pertencem a dois mundos, com particularidades e experiências distintas. Terão a seu favor o comércio, os deslocamentos, os supostos feitiços e jinvunji e a Morte como formas de resistência diante da nova configuração social que se formara. A sociedade angolense inventada pelo colonialismo não foi capaz de aprisionar os corpos e mentes dessas mulheres, que usaram as ferramentas que haviam ao seu alcance em busca de suas independências.

Palavras-chave: Literatura angolana; sociedade colonial; sociedade inventada; resistência.

A (re)escrita do passado colonial no século XXI em duas obras de Paulina Chiziane

Lisa Galvão Elisei (UFMG)

Nos romances *Niketche: uma história de poligamia* (2001) e *O Alegre Canto da Perdiz* (2008), Paulina Chiziane recupera, por meio da ótica do século XXI, o passado colonial, e expande as perspectivas acerca dele. Os romances, através da ficcionalização de experiências femininas, demonstram os aspectos do colonialismo e suas heranças, além da ancestralidade e dos costumes tradicionais de Moçambique. Dessa forma, este trabalho se propõe a analisar o duplo movimento presente nas obras: reinscrever o passado por meio de narrativas que revelam as continuidades coloniais no presente, e ao mesmo tempo, abrir espaço para imaginar outros modos de existência possíveis no século XXI. Nesse sentido, partimos da noção de rastro considerando os estudos de Didi-Huberman e Walter Benjamin. Em *Niketche*, temos diferentes figuras femininas. Rami, a esposa urbana e educada; Julieta, Luísa e Saly, esposas tradicionais e por fim, Eva e Gaby, as amantes. Já em *O alegre canto da perdiz*, Chiziane constrói a figura de Delfina, a prostituta que se vê em uma corrida para alcançar a branquitude; e Maria das Dores, filha renegada que não corresponde aos anseios da mãe, o que a conduz a uma vida de sofrimentos. Assim, buscamos analisar essas representações de mulheres, que revisitam estruturas coloniais históricas: o patriarcado, o modelo tradicional de família, o racismo - e a ancestralidade: a poligamia colaborativa, o uso de magias e a resistência à colonização.

Palavras-chave: Paulina Chiziane; rastro; colonialidade; século XXI.

Tornar legível o horror: a (re)construção do Tarrafal em O diabo foi meu padeiro, de Mário Lúcio Sousa

Karol Sousa Bernardes (UFMG)

O diabo foi meu padeiro (2019), obra do escritor cabo-verdiano Mário Lúcio Sousa, traz à cena o Campo de Concentração do Tarrafal durante o período do Estado Novo português. O romance abarca um longo período da prisão em Cabo Verde, então colônia de Portugal, e nos apresenta a história de vários presos, todos de nome Pedro. A narrativa se divide em quatro

partes que se constroem a partir da perspectiva desses personagens – portugueses, guineenses, angolanos e cabo-verdianos. No decorrer da obra, deparamo-nos com vozes que revelam os horrores do Campo, desde a privação de itens básicos até as torturas que levaram os presos quase ou até à morte. Nesse sentido, este trabalho visa analisar como o romance evoca as memórias do Tarrafal através da narração dos personagens, (re)construindo imagens das violências extremas que ocorriam no Campo. Para isso, utilizamos a noção de legibilidade elaborada por Didi-Huberman (2018), entendendo a literatura como um meio que torna legível a barbárie e o extermínio por tantas vezes silenciado das histórias portuguesa e cabo-verdiana. Ademais, propomo-nos a explorar a concepção de montagem (Didi-Huberman, 2018) considerando a estrutura narrativa do romance, que apresenta a (re)configuração da prisão ao longo dos anos por meio dos diferentes narradores. O diabo foi meu padeiro dá forma ao inimaginável e possibilita a sobrevivência, através da ficcionalização, da história e da memória de tantos presos que passaram pelo Tarrafal, ao mesmo tempo em que contribui para o entendimento desse obscuro período histórico em Cabo Verde e em Portugal.

Palavras-chave: O diabo foi meu padeiro; Tarrafal; legibilidade; montagem.

O diálogo entre Siríaco e Charles Darwin: colonialismo, história natural e dignidade humana

Pascoal Farinaccio (Instituto de Letras da UFF)

No romance "Siríaco e Mister Charles" (2023), o escritor cabo-verdiano Joaquim Arena narra a história de Siríaco, menino brasileiro, escravo, que sofre de vitiligo e que, justamente pela coloração "tigrada" da pele, é levado para Portugal, onde passa a integrar a "corte exótica" da rainha D. Maria I. Posteriormente, fugindo com a corte portuguesa da eminente invasão napoleônica a Lisboa, Siríaco estabelece-se na ilha de Santiago de Cabo Verde; nessa localidade conhece o naturalista britânico Charles Darwin, que estava ali de passagem no início de sua viagem com o Beagle, que teria consequência imensa para a ciência e a compreensão do mundo natural. Através desse encontro imaginário, Arena articula uma complexa rede de relações entre Brasil, Portugal e África, abrindo a possibilidade de discussão de questões como colonialismo, racismo, relações entre ciência e poder imperial. O objetivo da comunicação é explorar criticamente a relação de Siríaco e Darwin para elucidar a compreensão do mundo natural e das relações interespecies (incluindo a humana) que surgia naquele contexto histórico específico (a "Era dos Impérios", conforme a expressão do historiador Eric Hobsbawm). Busca-se demonstrar também a dignidade humana da personagem Siríaco, que precisou lidar por toda sua vida (no romance Siríaco já é um ancião que recorda sua vida pregressa) com o fato de ser marcado pela doença que transformou sua pele em algo "exótico" aos olhos dos poderosos do mundo.

Palavras-chave: Joaquim Arena; Siríaco e Mister Charles (romance); Charles Darwin; história natural; colonialismo.

SIMPÓSIO 4

O ENSINO DE LITERATURAS DOS PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

COORDENAÇÃO: TEREZINHA TABORDA MOREIRA (PUC MINAS/CNPQ/FAPEMIG/BRASIL)

O ensino das literaturas africanas nas escolas de ensino básico e a formação docente

Érica Luciana de Souza Silva (IFF)

A proposta de trabalho que segue, refere-se ao ensino das literaturas africanas de língua portuguesa nas escolas brasileiras. Destaca-se que, neste contexto, a Lei 10.639/03 torna obrigatória o ensino das culturas africanas no ensino básico. Contudo, o que se percebe é a atuação de docentes despreparados para trabalharem com este conteúdo. Faltam a esses profissionais o devido aprofundamento teórico, o desenvolvimento da leitura literária e o conhecimento da crítica literária de autoria africana. O objetivo deste estudo é analisar a formação de professores que atuam na rede básica de ensino quanto ao conhecimento sobre as literaturas africanas e as epistemologias que não estão no eixo eurocêntrico e ocidental. Os principais teóricos arrolados como suporte teórico para este estudo são: V. Y. Mudimbe, com a obra *A ideia de África* (2022); Achille Mbembe com as obras *Crítica da razão negra* (2018) e *Necropolítica* (2018). Cita-se ainda Antônio Bispo dos Santos, com a obra *A terra dá, a terra quer* (2023) e Maria Amélia Dalvi com o livro *Leitura de literatura na escola* (2013). A metodologia empregada é a bibliográfica que se dá por meio da leitura dos textos teóricos a fim de compreender o cenário posto. Espera-se, com este estudo, propor alternativas que contribuam para uma ação docente coerente com a lei 10.639/03, a qual fundamenta um ensino que aborde o continente africano como um território diverso, plural, gerador de culturas, artes e literaturas distintas das literaturas ocidentais, mas em equivalência quanto à qualidade literária.

Palavras-chave: Ensino; literaturas africanas; continente africano; Educação Básica; docentes.

Literatura de autoria negra e o acervo literário de bibliotecas escolares

Renata Amaral de Matos Rocha (Centro Pedagógico da UFMG)

Izabelli Silva Soares (UFMG)

A pesquisa "A biblioteca escolar como instrumento de luta no combate ao racismo" busca evidências do potencial antirracista do Espaço Monteiro Lobato, abrigado na Biblioteca Professor Antônio Camilo de Faria Alvim, do Centro Pedagógico da UFMG. Estamos mapeando o acervo de literatura infantil do referido Espaço para verificar sua bibliodiversidade e, por consequência, se seu acervo oportuniza o contato dos estudantes-leitores com diversas narrativas, em especial, escritas por autores negros e indígenas, base da formação social de nosso país, e que no curso da história foram silenciados. Para tanto, verificamos quem são os autores das obras que compõem o acervo, do ponto de vista de sua cor/raça/etnia, autodeclarada e/ou heteroidentificada. Neste estudo, adotamos procedimentos

metodológicos ligados à pesquisa quali-quantitativa de natureza aplicada. Entendemos que a biblioteca escolar é um local de realização de práticas de ensino e sociais efetivas, e que a leitura literária é muito potente, podendo favorecer a formação de leitores críticos (LAJOLO, 1987, SOARES, 2006) e potencializar seu acesso a narrativas plurais para se compreender distintas perspectivas sobre os povos, não reforçando uma visão estereotipada sobre eles nem mesmo unicultural (ADICHIE, 2019). Este estudo tem nos dado pistas de que ainda lemos predominantemente obras de autores brancos, sendo necessário atuar incisivamente nas práticas de ensino por meio da literatura, pois, do universo de 4389 obras mapeadas, 85% são de autores brancos e apenas 2,7% de autores pretos/negros/pardos.

Palavras-chave: Literatura; autoria negra; diversidade.

“Professor, os escravos eram mendigos?”: Desafios para o ensino de literatura afro-brasileira e africana na Educação Básica

Francisco Vinícius Alves da Silva (UERN)

Este trabalho propõe uma reflexão crítica a partir de experiências vivenciadas na educação básica brasileira, no desenvolvimento de práticas pedagógicas voltadas para o ensino de literaturas africana e afro-brasileira. Partindo do questionamento espontâneo de um estudante: “Professor, os escravos eram mendigos?”, a pesquisa discute os sentidos ocultos dessa pergunta como sintoma de um apagamento histórico e de uma fragilidade estrutural no ensino das relações étnico-raciais. Ancorado em pressupostos da educação antirracista e na Lei 10.639/03, este relato de experiência se articula a partir de autores como Kabengele Munanga (2005), que desvela os mitos da democracia racial, e Bell Hooks (2013), cuja pedagogia crítica valoriza a insurgência de saberes marginalizados. Dentre os principais obstáculos, destaca-se a falta de acesso, provocando, assim, o desconhecimento das culturas afro-pindorâmicas no cotidiano brasileiro diante de temáticas que reforçam a hegemonia eurocentrada do currículo escolar. O trabalho enfatiza a urgência de políticas públicas e de práticas pedagógicas comprometidas com a centralidade das narrativas negras, garantindo o direito à memória, à resistência e à dignidade das populações afrodescendentes no espaço educacional.

Palavras-chave: Educação antirracista; literatura africana; literatura afro-brasileira; ensino de literatura; relações étnico-raciais.

Ensino de literaturas africanas em língua portuguesa na rede municipal de Ribeirão Preto

Michelle Aranda Facchin (Fatec)

Essa proposta de comunicação objetiva apontar alguns materiais para o ensino de literaturas africanas, disponibilizados na escola Waldemar Roberto, da rede municipal de Ensino em Ribeirão Preto. Nota-se que há uma tendência da rede a valorizar a formação continuada do professor para um ensino antirracista. A abordagem de histórias e culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas ganharam maior atenção nas últimas duas décadas com a promulgação da Lei nº 10.639, de 2003, e da Lei nº 11.645, de 2008, que determinam a obrigatoriedade desses temas nos currículos da Educação Básica. Por meio da plataforma de formação continuada online, a rede municipal disponibiliza uma formação específica intitulada “Centro

de referência e educação para as relações étnico-raciais”, por meio da qual aborda temáticas relacionadas ao assunto das relações étnico-raciais, oferecendo aparatos teóricos e práticos aos professores.

Palavras-chave: Ensino Básico; Rede municipal; relações étnico-raciais; estudos afro-brasileiros.

Literatura africana no currículo escolar: relato de experiência sobre práticas possíveis para uma abordagem crítica e decolonial

Estela da Silva Leonardo (PUC Minas)

A Lei nº 10.639/2003 tornou obrigatório o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira nas escolas de Ensino Fundamental e Médio no Brasil. Em consonância, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece que o ensino de Literatura deve contemplar, além da tradição literária brasileira e lusófona, produções literárias africanas, afro-brasileiras, indígenas e contemporâneas. No entanto, observa-se que a presença de autores de países do continente africano que usam a língua portuguesa ainda é pouco expressiva nas práticas pedagógicas de Literatura. Frequentemente, esse conteúdo é abordado de maneira superficial ou restrito a projetos pontuais vinculados a datas comemorativas, como o Dia da Consciência Negra. Este trabalho apresenta um relato de experiência desenvolvido em 2024, em uma escola da rede estadual de Minas Gerais, com o objetivo de ampliar o repertório literário dos estudantes por meio do contato com escritores africanos como Mia Couto, José Eduardo Agualusa, Pepetela e Ondjaki ao longo de dois meses. Como resultado, constatou-se um significativo enriquecimento no repertório cultural e crítico dos alunos, promovendo um olhar mais amplo sobre a produção literária africana. A experiência também evidencia a necessidade urgente de formação docente voltada ao ensino de uma literatura decolonial, que valorize a diversidade de vozes e evite a reprodução de uma história única sobre os países africanos e suas expressões literárias.

Palavras-chave: Literatura africana; ensino de Literatura; decolonialidade; BNCC; autores lusófonos; formação docente.

A urgente representatividade das crianças negras e afrodescendentes na literatura para crianças disponível nas escolas e bibliotecas dos PALOP

Isabel Maria Lopes Mota (Associação Cultural Ilhéu Portátil – São Tomé e Príncipe)

A literatura infantil tem um papel fundamental na construção da identidade das crianças e na preservação das línguas e culturas. No contexto de São Tomé e Príncipe, onde a literatura, a partir da criação literária original, voltada para crianças negras e afrodescendentes ainda é quase nula, onde não existem livrarias nem editoras locais, o livro _"Ânte Óla Bilá Toti", de Isabel Mota e Américo Rodrigues, edição de capa dura e um objeto de grande qualidade gráfica, surge como um ato de resistência e valorização cultural. Escrito em crioulo forro e em português, o livro abre espaço para um diálogo entre gerações e reforça a necessidade de que as crianças tenham acesso a narrativas que as representem e não as atuais que se reduzem quase todas ao imaginário americano e europeu. O presente trabalho discute a importância da presença de ilustradores africanos na literatura infantil, trazendo referências visuais que

conectem as crianças à sua própria história e estética. Além disso, aborda o empoderamento das meninas e das mulheres através da escrita (a co-autora tem nacionalidade e naturalidade santomense) e da criação literária, mostrando como a literatura pode ser uma ferramenta de autonomia e valorização da voz feminina. Por fim, a comunicação explora a urgência da preservação das línguas e culturas africanas por meio da literatura para crianças e denuncia a ausência de um mercado editorial estruturado em São Tomé e Príncipe e noutros países PALOP, reforçando a necessidade de políticas públicas voltadas para a promoção da leitura e da produção literária no país e do ensino, facultativo, mas nas escolas, das línguas-crioulas que estão em sérios riscos de extinção, com o desaparecimento dos últimos falantes. A construção de um futuro onde a diversidade é celebrada e as histórias locais e principalmente a criação literária original, que se levanta para além da produção que é feita a partir da tradição oral, muito importante mas que não pode ficar apenas por aí, são perpetuadas começa no espaço das páginas infantis. Apresentarei algumas das que considero serem soluções para alterar a realidade para melhor: Criação de Prêmios e Concursos Literários, Programas de Residência para Editores e Escritores, Uso de Redes Sociais e Plataformas Digitais para Divulgação de obras, Bibliotecas Itinerantes e Feiras do Livro, Parcerias com Organizações e Fundos Culturais, Coletivos de Autopublicação, Estímulo à Tradução e Circulação de Livros Africanos. https://www.instagram.com/ilheu_portatil/# - <https://www.facebook.com/profile.php?id=61568756902518>

Palavras-chave: Representatividade; crianças; literatura; empoderamento; mulheres na literatura; resgate das línguas originárias

Entre mãos claras e corpos escurecidos: racismo e construção da subjetividade negra em “As mãos dos pretos”, de Luís Bernardo Honwana

Sarah Camille Rodrigues da Silva Costa (UFPB)

Maria Jayline Pereira da Silva (UFPB)

Franciane Conceição Silva (UFPB)

Em “As mãos dos pretos” (2008), Luís Bernardo Honwana transfigura uma curiosidade infantil em questionamento para captar como o racismo se entranha na linguagem, na fé, na escola e na sociedade. Entre o claro das mãos e o escuro da pele negra, o conto denuncia as violências simbólicas que delineiam a subjetividade marcada por séculos de silêncio, colonialismo e hierarquias raciais. Nesse sentido, o presente estudo busca compreender como, na literatura moçambicana, o gesto de perguntar pode ser insurgência: romper o pacto do silêncio, desestabilizar epistemologias coloniais e abrir espaço para a reconstrução identitária de sujeitos historicamente marginalizados. Assim, esta pesquisa, de abordagem qualitativa e bibliográfica, apoia-se em Kilomba (2019) e Devulsky (2022) para reconhecer o racismo cotidiano que fere em silêncio e pensar o colorismo como barreira imposta; conferenciando com autores que debatem a narrativa diaspórica, o apagamento das histórias negras, o racismo recreativo e estrutural, nomeadamente Bento (2022), Hall (2003), Kilomba (2019), Moreira (2019) e Quijano (2005).

Palavras-chave: Colonialidade; literatura moçambicana; Luís Bernardo Honwana; racismo; subjetividade negra.

Mas seria esse um texto para uma criança? Tradições orais africanas e o (pequeno) leitor brasileiro

Larissa Lisboa (UFLA)

A partir da análise do conto de tradição oral africana "O filhote do leopardo e o cabrito", inserido na obra "A África recontada para crianças", da escritora brasileira Avani Sousa Silva (Silva, 2019, p.23-27), a presente comunicação tem como objetivo refletir sobre as possíveis aberturas de sentidos do texto literário para além de uma perspectiva meramente moralizante no ensino, na legitimação da literatura oral em sua "plurivocidade discursiva" (Abdala-junior, 2003), ou seja, na apropriação do conflito como potencialidade de debates dos múltiplos discursos nas experiências socioculturais.

Palavras-chave: Literatura; ensino; tradição; oralidade; leitor.

Por uma educação decolonial: a construção de um saber para além mar

Vanessa Maria dos Santos Silva (Universidade Estadual de Montes Claros)

O presente trabalho tem como objetivo divulgar uma das atividades desenvolvidas pelo projeto "Linjuca", com base no relato de experiência das acadêmicas do curso de Letras Português e do Mestrado em Literatura da Unimontes. Sob a supervisão do coordenador do projeto, o professor Geraldo Aparecida Ferreira, as acadêmicas promoveram uma oficina para alunos do 6º ano da Escola Estadual Felício Pereira de Araújo, na cidade de Montes Claros - MG. Para isso, utilizou-se o livro *O Gato e o Escuro* (2001), do escritor moçambicano Mia Couto. Em um primeiro momento, foi realizada uma exposição sobre Moçambique, a fim de contextualizar os alunos nessa viagem pelo Atlântico Negro e desconstruir a ideia homogeneizante da África como um bloco único, destacando-a, em vez disso, como um continente plural, composto por países que resistem em suas diferenças e particularidades. Em seguida, apresentou-se a vida e a obra do autor, para que os alunos compreendessem a importância de Mia Couto não apenas para a divulgação da literatura africana, mas também para a denúncia das cicatrizes ainda visíveis do racismo herdado do projeto colonial. Por fim, realizou-se uma leitura dinâmica da obra mencionada. Tanto a oficina quanto o projeto buscam não apenas trazer para o centro o que sempre foi relegado às margens, mas principalmente propor uma viagem de retorno ao local onde parte da história brasileira de fato começou e levar para as escolas uma literatura que sempre foi pouco valorizada e difundida significa contribuir para uma educação decolonial.

Palavras-chave: Literatura Afro-brasileira; representação africana; educação decolonial.

O sistema educativo angolano como mediador da literatura e da educação literária: um estudo exploratório

Dorivaldo Zua (Instituto Superior de Ciências de Educação da Huíla - Angola)

A literatura é uma forma de arte cuja matéria-prima é a língua; já a educação literária é uma metodologia que visa dotar os indivíduos de um conhecimento de códigos, símbolos e estilemas que os ajudem a ler textos literários e a formarem-se como leitores. Este estudo analisa suas presenças no sistema educativo angolano, focando-se no Programa de Língua Portuguesa do I Ciclo do Ensino Secundário (7ª a 9ª classe) e no Programa de Didática da

Língua Portuguesa do Instituto Superior de Ciências de Educação da Huíla. Conclui-se que, embora a literatura e, consequentemente, os textos literários sejam reconhecidos pelo seu valor ético e estético, a designação "educação literária" não aparece explicitamente nesses programas; além disso, não sugerem leituras ou práticas pedagógicas que incentivem a leitura de textos literários, a formação de leitores ou capacitem futuros professores para a mediação literária. O estudo propõe ainda recomendações para a valorização da literatura e da educação literária na escola e na formação de professores.

Palavras-chave: Literatura; educação literária; sistema educativo angolano; didática.

O ensino das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na formação docente: Estratégias para o trabalho em sala de aula na Educação Básica

Aline Nery Dos Santos (UNEB)

O presente trabalho tem por objetivo refletir sobre o ensino das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa nos cursos de formação de professores, enfatizando as estratégias para a prática pedagógica na sala de aula da Educação Básica. Os estudos sobre as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa apresentam um percurso memorialístico, tecendo linguagens e imaginários dos/as autores/as que reformulam, no plano da ficção, a história do seu país. Pensando nesse contexto, é imprescindível promover o encontro dos jovens estudantes do Ensino Fundamental, Anos Finais e do Ensino Médio com essas Literaturas d'além-mar e que, em vários momentos, se entrelaçam com a Literatura Brasileira. Esse trabalho articula a experiência docente no Componente Curricular Estudos de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), no Curso de Letras, Língua Portuguesa e Literaturas. Promovendo um itinerário de leituras e atividades que transcendem o espaço universitário, levando a proposta de trabalho para a sala de aula, através do cumprimento da Lei 10.639/2003 e outros documentos normativos que embasam sobre o Ensino de África e fortalece a necessidade do seu ensino na Educação Básica. O enfoque da proposta se pautou em facilitar aos futuros docentes o acesso e/ou ampliação de seu repertório literário das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, desenvolvendo estratégias e intervenções didáticas para o trabalho pedagógico, para contribuir com a existência e a reexistência dessa literatura no ensino escolar brasileiro. O trabalho dialoga com os/as autores/as: Dalvi (2003), Cosson (2014), Leite (2003), Fonseca (2006).

Palavras-chave: Literaturas africanas de língua portuguesa; prática pedagógica; ensino; estratégias.

Da leitura obrigatória à leitura significativa

Damião Silva da Cruz (Magistério Secundário N.º 1251 "Njambelwa Kateine" da Humpata/Angola e Instituto Superior Católico do Lubango/Angola)

O ensino da literatura nos Magistérios Secundários em Angola, olhando para o caso da Huíla, especialmente na formação de professores de Português e Educação Moral e Cívica do 7.º ao 9.º ano, enfrenta o desafio de transformar a leitura obrigatória em leitura significativa. A leitura significativa pressupõe a construção de sentido a partir da interação entre leitor, texto e contexto, valorizando experiências pessoais (estética da recepção), referências culturais e

questões sociais relevantes para os alunos. Essa mudança implica repensar as metodologias, privilegiando práticas como rodas de leitura, debates temáticos e projectos interdisciplinares, que fomentem a participação activa e a autonomia interpretativa. Ao formar professores capazes de promover leituras que dialoguem com a realidade e a identidade cultural dos estudantes, garante-se não apenas o desenvolvimento de competências linguísticas e literárias, mas também a formação de cidadãos críticos e conscientes. Assim, a transição da leitura obrigatória para a significativa é uma condição essencial para um ensino da literatura que seja, simultaneamente, formativo e transformador no contexto escolar angolano.

Palavras-chave: Ensino da literatura; leitura significativa; formação inicial de professores.

Literaturas africanas no Ensino Médio: uma proposta de abordagem do conto “A morte do Velho Kipacaça”, de Boaventura Cardoso

Francisca Patrícia Pompeu Brasil (SEDUC-CE/SME-Fortaleza)

Com o interesse de promover o ensino das culturas africanas lusófonas, assegurado pela Lei número 10.639/2003, esta comunicação apresenta alguns procedimentos didáticos para construção de um roteiro de leitura de um conto angolano. O propósito central do trabalho consiste em despertar a curiosidade e o pensar crítico do estudante acerca de outras formas de acessar conhecimentos - além daquelas adotadas pela lógica cartesiana. Para isso, propomos uma abordagem do conto “A morte do Velho Kipacaça”, do escritor angolano Boaventura Cardoso (2004). O foco de nossas análises recai na presença da oralidade e das ancestralidades nas encenações dos “ondjangos” - reuniões em que são partilhados saberes ancestrais e tomadas decisões importantes para a comunidade. O roteiro de leitura proposto se divide em quatro etapas: apresentação do autor, da obra e do contexto sociocultural em que se deu a produção; leitura compartilhada e comentada do conto de Boaventura Cardoso; propostas de questões para reflexão; e orientações para realização de uma roda de discussão sobre os principais temas abordados. Entre as fontes consultadas, citamos os textos: O vão da voz, de Terezinha Taborda Moreira (2005), “Metamorfoses decoloniais: o inconsciente animista e transmutações como cosmovisão nas Literaturas Africanas”, de Silvio Ruiz Paradiso (2024); Pedagogia do oprimido, de Paulo Freire (2005) e “Reflexões provisórias sobre animismo, modernismo/colonialismo e a ordem africana do conhecimento”, de Harry Garuba (2018).

Palavras-chave: Literatura angolana; Ensino Médio; oralidades; ancestralidades.

SIMPÓSIO 5

A CRÍTICA LITERÁRIA DOS PAÍSES AFRICANOS

COORDENAÇÃO:

ANA MAFALDA LEITE (UNIVERSIDADE DE LISBOA/PORTUGAL)

FRANCISCA PATRÍCIA POMPEU BRASIL (PUC MINAS/CAPES/BRASIL)

A Voz de Noémia de Sousa interroga o sujeito lírico: gênero, raça e teoria literária

Maria Dolores Sosin Rodriguez (UESC)

Dentro dos estudos clássicos que emergem da teoria literária, a presença/ausência do (a) autor (a) se coloca como uma questão central. Nos gêneros em prosa, como o romance, por exemplo, as figuras do narrador, bem como as das personagens que compõem a trama não se confundem, estritamente, com a pessoa que escreveu o texto literário. O mesmo não acontece, porém, com os textos da chamada poesia lírica. Assim, o nome que assina os textos poéticos é, frequentemente, confundido com a persona do (a) autor (a). Geralmente, essa persona é tomada em sua subjetividade única e individual, explorada pela criação e pela crítica como o reflexo associado à figura do eu, portanto, um eu centrado na racionalidade moderna, euroreferenciada e colonial que tem como base a expressão de um eu-lírico. A poesia africana em língua portuguesa interroga, portanto, as elaborações da teoria literária clássica, pois o eu que fala no poema assume, muitas vezes, a expressão de uma voz coletiva (ou coletivizada), sem ser, necessariamente, poesia épica ou dramática. Noémia de Sousa é um paradigma central nesse enlace teórico, pois, reconhecida como "mãe dos poetas moçambicanos", constrói uma voz plural, evocando os anseios, sentimentos e dimensões de um pertencimento social comum, produzindo uma dicção lírica compartilhada por uma nação e performada, na poesia, por meio do uso da criação em primeira pessoa do plural. Essas questões são norteadoras, neste trabalho, para a discussão sobre a importância teórico-crítica dessa poética: pensando nos desdobramentos da nomeação materna generificada e no lócus enunciador marcado racialmente como características presentes na poesia da poeta Noémia de Sousa.

Palavras-chave: Noémia de Sousa; Literaturas Africanas de Língua Portuguesa; poesia; teoria da literatura; autoria.

Para uma Estética Literária à Luz das Espistemologias do Sul - um olhar em torno das Literaturas Africanas em Língua Portuguesa

Sabino Ferreira do Nascimento (Universidade Agostinho Neto/Angola)

A Estética, a partir da sua ligação com o pensamento filosófico eurocêntrico, sempre esteve relacionada com o belo, ou seja, com a forma como é apresentado o conteúdo no campo das artes. Nesta comunicação, prete-se trazer ao de cima como as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa se demarcam de um estecismo mecânico e preso na forma, demonstrando, a partir das produções de autores como António Jacinto Boaventura Cardoso, Wanhenga Xitu,

de Angola e Paulina Chiziane, Ungulani Ba ka kosa, de Moçambique, apresentam textos atravessados de forma intrínseca por uma estética além da forma, sugerindo o repensar dos filtros eurocêntricos através dos quais se tenta exercer a crítica e avaliar as Literaturas Africanas. Tal olhar sugere um olhar segundo as lentes das epistemologias do sul e ecologias do saber.

Palavras-chave: Literaturas Africanas de Língua Portuguesa; estética; Epistemologias do Sul.

O heterodiscurso em *Mayombe*, de Pepetela

Suelio Geraldo Pereira (PUC Minas)

Neste trabalho, procuramos afirmar que as exposições das personagens presentes em *Mayombe*, os “falsos narradores” – designação de Mata (1993) –, configuram discursos representativos de variadas identidades no interior do romance pepeteliano. Na realidade, esses diversos enunciados constituem a base que sustenta o heterodiscurso, um sistema harmonioso que, pelo esforço estilístico do autor, comporta, simultaneamente, a diversidade social e as dissonâncias individualistas. O heterodiscurso, ideia central deste estudo, foi definido por Mikhail Bakhtin (2015) na obra *Teoria do Romance I: A estilística*, livro ao qual recorreremos para a definição do conceito. Partindo, assim, dos esclarecimentos do filósofo russo, chegamos à consideração de que a palavra de cada “falso narrador” simboliza o corpo e a linguagem da personagem, ou seja, constrói o heterodiscurso social, cultural e político da então Angola no romance de Pepetela.

Palavras-chave: Heterodiscurso; Bakhtin; personagem; *Mayombe*.

Texto e tecido na costura poética de *O Mapeador de Ausências*, de Mia Couto

Carla Tais dos Santos (USP)

Em *O mapeador de ausências*, de Mia Couto (2021), acompanhamos a estadia do professor de literatura, Diogo Santiago, em sua cidade natal, a Beira (Moçambique). Dois motivos o levam de Maputo à capital de Sofala: a cura para uma insônia terrível e o lançamento de seu novo livro. Ao chegar lá, Santiago recebe uma caixa que era de Óscar Campos, inspetor da Polícia Internacional e de Defesa do Estado Português (PIDE), com a documentação da prisão do pai de Santiago. Em meio a documentos datilografados, fotografias, cartas e outros papeis, o narrador transita por diferentes gêneros do discurso, realizando um romance metalinguístico que mergulha nas águas de seus personagens para fazer emergir a história de um país. Assim, quando Santiago pega uma obra de poesia de seu pai, *Um retrato à procura de feições*, leva o livro ao rosto, aspira o aroma do papel, cheira o tempo “como fazem as mulheres com a roupa dos ausentes” (COUTO, 2020, p. 21). A dimensão tátil presente neste trecho será evocada muitas vezes ao longo da narrativa. O objetivo desta comunicação é analisar o trânsito entre esses diferentes gêneros do discursivos e as relações que provocam entre texto e tecido na costura poética para a produção de sentidos da obra.

Palavras-chave: Moçambique; poesia; romance; costura; Mia Couto.

João Vêncio: os seus amores: a língua em ação

Eliane Rosa de Góes (Centro Universitário Adventista de São Paulo/ PUC Minas)

Esta comunicação tem como objetivo uma leitura da obra "João Vêncio: os seus amores", do escritor Luandino Vieira, baseada principalmente na elaboração linguística que tem caracterizado as produções desse autor. Importa discutir como a construção da língua/linguagem, marcadamente híbrida pela apropriação de elementos do quimbundu, opera a construção de sentidos, permitindo discussões identitárias, sócio-históricas e acerca de mecanismos narrativos. Havendo subversão, como diz Branco (1993), esta não reside no que se fala, no tema, mas na urdidura do texto habilidosamente construída. Nessa análise, cabe também uma pequena acareação do tempo e do espaço. O texto, de caráter metaficcional, dá margens ao autoquestionamento, à crítica da própria ficção.

Palavras-chave: Luandino Vieira; literatura angolana; hibridismo linguístico; identidade; metaficção.

Ecocrítica em Produções Literárias Africanas Contemporâneas

Angela Guida (UFMS)

A pesquisadora Maria do Carmo Mendes (2021), em uma das edições da revista *Anthropocenica*, periódico português especializado em discutir questões ligadas ao Antropoceno e à Ecocrítica, argumenta que o corpus textual que tematiza questões ambientais na literatura africana vem crescendo e, muito provavelmente, será responsável, em futuro próximo, por garantir a essas produções a formação de um cânone de literatura ecocrítica em África. Tendo como ponto de partida a provocação feita por Mendes, nosso objetivo nesta proposta de apresentação é engendrar uma pequena cartografia ecocrítica em algumas produções literárias contemporâneas da África portuguesa. Assim, tentaremos ler, à luz dos pressupostos da ecocrítica, bem como de suas vertentes (ecofeminismo), obras advindas de países como Guiné, Angola, Cabo Verde, São Tomé, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Da Guiné, interessa-nos o diálogo com a poesia de Domingas Samy e Odete Semedo. Em Angola, nosso diálogo será com Djaimilia Pereira. Em Moçambique, o diálogo ecocrítico vai se dar com Paulina Chiziane e com Mia Couto. Em Cabo Verde, faremos algumas considerações a partir do diálogo com Dina Salústio, e, por último, Conceição Lima, poeta de São Tomé e Príncipe encerra, por ora, nossa cartografia ecocrítica em produções literárias africanas de língua portuguesa. O objetivo dessa pequena cartografia, antes de mais nada, é refletir em que medida a literatura desses países pode contribuir para a conscientização de que todos habitamos uma casa comum, uma casa da qual precisamos cuidar juntos, preservando todas as formas de vida que nela habitam.

Palavras-chave: Ecocrítica; literatura africana; Antropoceno.

Luanda em chamadas: uma leitura ecocrítica do romance *Os transparentes*

Letícia Vital Ferreira (USP)

A representação da natureza é um dos eixos centrais para a literatura de territórios que sofreram com a colonização (CARRIGAN, 2016). No caso da obra *Os transparentes*, de Ondjaki, a destruição da cidade pela exploração desenfreada do petróleo atinge tons críticos tanto à dependência financeira em relação a esse recurso quanto à figuração da natureza enquanto algo a ser explorado. Por sua vez, o desenvolvimento da história em retrospectiva da tragédia nos mostra que mesmo antes a Luanda ficcionalizada se assemelhava a um deserto, apesar de banhada pelo mar, mostrando a inversão da lógica natural. A destruição ambiental é, portanto, paulatina e segregadora, uma forma de “violência lenta” (NIXON, 2011). O PrédioDaMaianga surge, então, como contraponto da cidade caluanda, pois se apresenta enquanto espaço no qual a natureza é compartilhada, não explorada. O pequeno grupo de moradores parece fornecer alternativas para sobreviver nas ruínas. Deste modo, a presente comunicação propõe uma leitura da obra *Os transparentes* a partir do modo como os elementos naturais aparecem no romance.

Palavras-chave: Literatura angolana; Ondjaki; ecocrítica; *Os transparentes*.

Cartografias sem limites e a poesia de Luís Carlos Patraquim

Tarik Mateus Adão da Costa de Almeida (IEL/ Unicamp)

Esta comunicação contextualiza as três primeiras obras poéticas publicadas pelo autor moçambicano Luís Carlos Patraquim: *Monção* (1980), *A Inadiável Viagem* (1985) e *Vinte e tal Novas Formulações e uma Elegia Carnívora* (1992). Essas obras são lidas a partir de uma lente oceânica, situada no campo dos Estudos do Oceano Índico, que interpreta o oceano como um “objeto” fundamentalmente “ecocrítico”, conforme evidenciado por Jessica Falconi (2022). Busca-se esmiuçar conceitos por meio de imagens e gestos paradigmáticos, como no caso da *monção*, entendida como uma “lírica corporizada” (Gupta, 2019), e do arquipélago, concebido como uma cartografia que redesenha relações e errâncias, configurando uma oposição estética e política às raízes calcadas na fixidez da nação e do continente. Assim, o capítulo demonstra como a obra de Patraquim pode ser considerada um exemplo para se pensar as relações entre poesia e ecocrítica, a partir da rede marítima do Oceano Índico.

Palavras-chave: Poesia Moçambicana; Estudos do Oceano Índico; Ecocrítica; Luís Carlos Patraquim.

Corpos que divergem: uma releitura crítica das literaturas africanas

Gustavo Henrique Rückert (UFPEL)

No século XXI, uma sucessão de crises (entre as quais se pode mencionar as crises migratórias, diplomáticas, ambientais, sanitárias e dos direitos de minorias) tem colocado em risco a vida e a dignidade em escala mundial. Pensar a literatura no presente, portanto, é pensar a sua relação com problemáticas que ultrapassam os limites do nacional. Nesse sentido, os direitos das pessoas com deficiência têm sido uma das principais pautas de agendas internacionais. Na crítica literária, trabalhos de pesquisadores como Alice Hall, Ralph Savarese, Julia Rodas e Fernanda Arentsen têm abordado a relação entre literatura e deficiência. Nas literaturas

africanas de língua portuguesa, contudo, raros são os textos críticos que levantam essa problemática, mesmo que as obras literárias que representem as deficiências sejam abundantes. Diante disso, este trabalho busca aproximar o campo teórico dos estudos da deficiência e a atividade crítica com foco nas literaturas africanas de língua portuguesa. Para isso, propõe a releitura de autores como Uanhenga Xitu, Luandino Vieira, Pepetela, Mia Couto e Ungulani Ba Ka Khosa ao tomar a deficiência como categoria analítica, associada a conceitos teóricos como corpo, experiência, pertencimento e divergência. Ao realizar este movimento, é possível não apenas a proposição de novas linhas interpretativas para obras já estabelecidas das literaturas africanas, como também a percepção de que essas literaturas trazem contribuições fundamentais para o desenvolvimento de uma consciência global que preserve a vida e a dignidade no presente.

Palavras-chave: Estudos da deficiência; crítica literária; literaturas africanas de língua portuguesa.

Entre Mixórdias, Sarilho e Distúrbios: Uma Leitura Real-animista do Conto “Bola com Feitiço”, de Uanhenga Xitu

Nathaly Ohanna Freitas da Silva (PUC Minas)

O objetivo deste estudo é investigar como o conto “Bola com feitiço”, do escritor angolano Uanhenga Xitu (1989), encena um modo de pensar e estar no mundo a partir de uma lógica animista, tendo em vista que a narrativa parece explorar possibilidades que ultrapassam os discursos binários e maniqueístas das relações. Para isso, focaremos a análise na relação entre as personagens Kahima e Nzamba, compreendendo a importância de seus papéis, de mais novo e de mais velho, na narrativa angolana. A noção de animismo será pensada com base nas contribuições do escritor e professor nigeriano Harry Garuba (2012), bem como sua abordagem a respeito da relação entre o inconsciente animista e a prática estética dos escritores africanos. Também serão consideradas as reflexões de Paradiso (2015; 2024), Carvalho (2008), Ribas (2009) e Padilha (2007).

Palavras-chave: LitConto angolano; Uanhenga Xitu; inconsciente animista; realismo animista.

Crítica das literaturas africanas de língua portuguesa no Brasil, em Portugal e nos países africanos de língua portuguesa: um estudo das teses produzidas no período de 2013 a 2024

Eni Alves Rodrigues (UFMG)

Esta comunicação apresentará os resultados parciais de uma investigação sobre as práticas de leitura acadêmica das literaturas africanas de língua portuguesa, analisando teses produzidas em programas de pós-graduação em Letras no Brasil, Portugal e PALOP entre 2013 e 2024. O estudo, que visa atualizar e ampliar pesquisas anteriores, adota metodologia baseada em: análise documental de teses (selecionadas através do Catálogo de Teses da Capes, BDTD e repositórios institucionais em Portugal e PALOP); entrevistas com orientadores; e investigação presencial na FALE/UFMG. Serão apresentados os primeiros achados relativos a: Distribuição geográfica das pesquisas, autores e obras mais estudados, temáticas recorrentes e abordagens críticas predominantes. A comunicação discutirá como esses resultados

preliminares contribuem para o mapeamento do campo de estudos das literaturas africanas de língua portuguesa na academia.

Palavras-chave: Literaturas africanas de língua portuguesa; teses acadêmicas; pesquisa.

A recepção de Ondula, savana branca, de Ruy Duarte de Carvalho, no eixo Brasil-Portugal

Dalyson dos Santos Oliveira (UFOP)

Ondula, savana branca, obra poética do angolano Ruy Duarte de Carvalho, chegou ao Brasil, em 2022, em um volume que reúne dois livros do autor: Ondula, savana branca (1982) e Observação directa (2000). Para a comunicação que proponho, busco uma reflexão sobre as tendências e parâmetros da crítica literária já realizada sobre a obra Ondula, savana branca, procurando observar como se dá a recepção e circulação desse livro no contexto pós-colonial, sobretudo, no eixo Brasil-Portugal, já que é nesse eixo bipolar que o locus da crítica literária lusófona se estrutura, como bem pontua Borges Coelho. Para a realização do trabalho, será necessário compreender como se constrói a crítica literária de obras de escritores africanos que escrevem em Língua Portuguesa, cuja circulação se dá, sobretudo, fora dos países africanos. Mais especificamente, busco alguma compreensão do lugar que a obra de Carvalho ocupa na literatura angolana a partir da crítica literária no eixo Brasil-Portugal.

Palavras-chave: Ruy Duarte de Carvalho; Angola; crítica literária no eixo Brasil-Portugal.

Centralidades questionadas: reflexões sobre desigualdades no processo de circulação das literaturas africanas em português

Dênis Augusto Sousa da Silva (Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias – FLUL)

A comunicação proposta tecerá reflexões sobre a circulação nacional e transnacional das literaturas angolana, cabo-verdiana, guineense, moçambicana e são tomense, as chamadas “literaturas africanas em português”. A partir da discussão acerca da suposta centralidade de entidades não africanas sobre a produção editorial destes países – outrora colonizados pelo império colonial português –, esta comunicação pretende chamar a atenção para características desiguais no processo de circulação das literaturas em geral, buscando destacar o quanto é relevante a influência material das dinâmicas próprias ao sistema-mundial capitalista moderno, sobre a circulação e a consagração das literaturas, na esteira da definição proposta pelo Coletivo de Pesquisa de Warwick em “Desenvolvimento combinado e desigual: Por uma no teoria da literatura-mundial” (UNICAMP, 2020): “Propomos, nestes termos, definir ‘literatura mundial’ como a literatura do sistema-mundial – isto é, do sistema-mundial capitalista moderno.” Desse modo, a comunicação pretende contribuir para o debate acerca da presença de dependências sutis sobre a edição, circulação e consagração das literaturas destes países politicamente independentes há 50 anos, ao mesmo tempo que contribui para reflexões sobre desigualdades combinadas no processo de edição e circulação e de consagração das literaturas em geral.

Palavras-chave: Literaturas Africanas em Português; literatura-mundial; circulação literária.

**Produção, edição, recepção e circulação da crítica literária africana de Língua Portuguesa:
entre a inexistência, a insipiência e o epistemicídio colonial**

Iris Maria da Costa Amâncio (UFF)

Com base nos diferentes conceitos e propósitos das literaturas de Angola, Cabo Verde, Moçambique, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, elaborados por intelectuais, ativistas e escritoras/es desses países nas fases de formação dos seus respectivos sistemas literários, esta reflexão problematiza a existência, os lugares, os meios e os modos de produção crítico-literários africanos de Língua Portuguesa. Ao mesmo tempo, tencionam-se os processos de edição e de circulação do pensamento crítico sobre os livros publicados no período de 1940 a 1980, os quais circularam por diversas cartografias literárias. Essas percepções serão desenvolvidas em diálogo com as elaborações teórico-conceituais de Mário António, Mário Pinto de Andrade, Alda Lara, Amílcar Cabral, Agostinho Neto, Orlanda Amarílis e Jorge Macedo, entre outros, com o intuito de comprovar a hipótese de que textos críticos integram o bojo dessas literaturas desde o seu nascedouro. Isso possibilitará relevantes questionamentos acerca de algumas teorizações eurocentradas – e, portanto, colonizatórias –, em especial aquelas produzidas por africanistas não africanos, os quais silenciam e/ou subalternizam discursos críticos ao analisarem as publicações afroliterárias desse mesmo período.

Palavras-chave: conceitos de literatura; sistemas literários; lugares da crítica; modos de edição; circulação de livros; colonialidades.

SIMPÓSIO 6

ESTUDOS COMPARADOS DE LITERATURAS DOS PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

COORDENAÇÃO:

LÍLIAN PAULA SERRA E DEUS (UNILAB/GEED/BRASIL)

WELLINGTON MARÇAL (GEED/BRASIL)

Produções poéticas de mulheres moçambicanas em diálogos

Assunção de Maria Sousa e Silva (PPGSC-UESPI/UPLA/CNPQ)

No percurso dos estudos das literaturas africanas em português são identificadas e consideradas complexas e diferentes configurações espaciotemporais e compleições literárias. Temos um continente no qual ressoa um canto de unidade africana, todavia esta unidade no diverso se incorpora e se prolonga do desdobramento da tradição e de seus choques com a modernidade. Podemos, então, pensar na noção de “zona de contato”, sinalizando para o que assegura e, por isso, carrega os rastros do passado e os legados dos antepassados. Estes que se pluralizam e se desdobram em aspectos diversos e complexos nos modos de ser africanos na contemporaneidade. Por esta via, proponho focalizar a produção poética de mulheres contemporâneas moçambicanas, com o objetivo de identificar, no âmbito do poema, de que forma se expressa a tensão entre aspectos da tradição e da modernidade, pela qual vestígios da história de Moçambique, com atenção ao lugar da mulher moçambicana, adensam diferentes poéticas. As indagações que perduram são: em que medida é possível estabelecer um diálogo entre as poéticas das novas escritoras? Como elas se distanciam e se aproximam das poéticas que consolidaram o sistema literário moçambicano? Para isso, busco acionar um dispositivo teórico crítico moçambicano, qual seja, as ideias de Lourenço Rosário (2024), Juvenal Bucuane (2022), Paulina Chiziane (2005), e das ativistas Énia Lipanga (2024), Conceição Osório (2011), Ana Maria Loforte (2013), por exemplo.

Palavras-chave: Poesia; mulheres; diversos; rastros; vestígios.

Impacto da epidemia de HIV/aids em obras literárias contemporâneas de África do Sul, Angola e Moçambique: início de um diálogo

Mariana Menezes Marcondes (USP)

A proposta é iniciar uma análise sobre o impacto da epidemia de HIV/aids em obras literárias contemporâneas dos seguintes países: África do Sul, Angola e Moçambique. Partindo do pressuposto de que a pandemia gerou não apenas uma crise sanitária, mas que também é repertório de uma experiência histórica, estética e discursiva, o objetivo é investigar se e de que modo a literatura participa na construção social da aids, atuando como espaço de elaboração simbólica diante do silêncio ou da estigmatização promovidos por discursos médicos e/ou morais. As obras analisadas são *Do not go gentle*, de Futhi Ntshingila (2014), *Se*

o passado não tivesse asas, de Pepetela (2016) e *As pequenas doenças da eternidade*, de Mia Couto (2023). A partir delas pretende-se analisar como cada uma articula narrativa, epidemia e contexto político-social de cada país, de modo a identificar e compreender os repertórios locais e universais sobre a doença. Por meio da comparação entre as obras mencionadas, a investigação busca expandir o sentido de leituras que abordem o tema HIV/aids na literatura de países africanos, que pode ser entendida como ferramenta capaz de expor e mostrar experiências invisibilizadas e tensionar os limites dos discursos hegemônicos sobre a epidemia.

Palavras-chave: hiv; aids; literatura comparada

Invariância na literatura engajada de Agostinho Neto e Solano Trindade: um estudo comparativo

Antonio Francisco Mateus Quino (União dos Escritores Angolanos)

Esta comunicação tem como objetivo explorar a invariância temática na literatura engajada de Agostinho Neto e Solano Trindade, dois escritores de Angola e do Brasil, respectivamente. A análise comparativa destaca como ambos os autores utilizam a poesia como ferramenta de resistência política e social, abordando temas como a luta pela liberdade, justiça social e identidade cultural. O estudo também discute a relevância metodológica da literatura comparada, propondo que essa disciplina não se limite a um método, mas se configura como uma ciência capaz de oferecer percepções sobre a importância da teoria e da prática comparativa na construção do conhecimento literário. Este trabalho visa contribuir para o entendimento das relações literárias entre países africanos de língua portuguesa e afro-diaspóricos, enriquecendo o campo dos estudos literários comparados.

Palavras-chave: Invariância; resistência cultural; estudos literários africanos; poesia engajada

Convergências ntre Personagens Subalternizados de Manoel de Barros e Mia Couto

Rosidelma Pereira Fraga (Universidade Federal de Roraima)

Neste trabalho busca-se revisitar a poesia de Manoel de Barros, objeto de doutorado, mas com o propósito de uma nova leitura comparada proposta pelo grupo de pesquisa Africanidades, literatura e minorias sociais, o qual objetiva realizar uma aproximação das figuras de minorias sociais construídas pelo narrador autodiegético, do moçambicano Mia Couto (2009), e do andarilho que emerge na figura de Bernardo da Mata, criado por Manoel de Barros (1985-2004), a partir do conceito de subalternidade de Spivak (2010). As figuras minoritárias aparecem absorvidas pelo próprio sujeito lírico e pela imagem poética do isolamento e das diferenças entre os sujeitos negros e brancos e mendigos, andarilhos e outros sujeitos que destoariam do contexto de minorias. Ao pensar nesses personagens lírico-narrativos, defende-se uma efusão de poética existencialista, tanto nos fios discursivos no conto “O mendigo Sexta-Feira jogando no Mundial” da obra *O fio das missangas*, como nos fios entrelaçados em vários textos manoelinos, por exemplo, em Livro de pré-coisas, Livro sobre nada e Poemas rupestres, onde são visíveis tais personas que se vestem de um

sentimento demasiadamente humano, levando o leitor a pensar em sua própria existência, isto é, o estar no mundo na perspectiva do ser do tempo, conforme propõe Martin Heidegger (2006). Como pressupostos teóricos-metodológicos, utilizar-se-á a proposta de leitura pelo viés de literatura comparada tomando como eixo central a intertextualidade absorvida na metáfora intertextual.

Palavras-chave: Mia Couto; Manoel de Barros; minorias; personagens; sulbalternidade

Análise da construção identitária negra em Mário Pinto de Andrade e a *Antologia da Poesia Negra de Expressão Portuguesa* (1953) frente o prefácio "Orphée Noite" de Sartre"

Thalys Eduardo Mendes Diniz (IFMA)

Este trabalho propõe uma análise crítica do conceito de negritude partido do prefácio escrito por Jean-Paul Sartre na *Anthologie de la nouvelle poésie nègre malgache* organizada por Léopold Senghor, verificando como os pressupostos sartreanos convergem e/ou divergem na obra de Mário Pinto de Andrade *Antologia da Poesia Negra de Expressão Portuguesa* (1953), uma das primeiras tentativas sistemáticas de reunir e legitimar uma voz poética negra nos espaços colonizados por Portugal. A pesquisa investiga como a antologia funciona como um instrumento literário, além de ser, também, concebida como um gesto político e cultural de resistência anticolonial. A partir de uma leitura crítica dos poemas selecionados e dos critérios curatoriais de Andrade, busca-se compreender de que modo a noção de negritude, levantada por Sartre, influenciado pelos movimentos intelectuais africanos e caribenhos francófonos (como o de Aimé Césaire e Léopold Sédar Senghor), é adaptada ao contexto lusófono. Ao abordar o papel de Mário Pinto de Andrade como organizador, intelectual e militante, o trabalho ressalta a importância da literatura como ferramenta de (re)afirmação identitária e enfrentamento das estruturas coloniais.

Palavras-chave: Negritude; Sartre; Mário Pinto de Andrade; Poesia.

Intercessões culturais e manifestos surrealistas em *O Feitiço da Rama de Abóbora* e *O Sétimo Juramento*

Ester Mátua José Diahoha (Círculo de Estudos Literários e Linguísticos Litteragris-CE3L/Angola)

Apresentar um estudo comparativo entre as obras *O Feitiço da Rama de Abóbora*, de Aníbal Simões (escritor angolano), e *O Sétimo Juramento*, de Paulina Chiziane (escritora moçambicana), no que consiste a percepção cultural e social que se tem das representações místicas (feitiço) e as suas manifestações na comunidade.

Palavras-chave: Intercessões; culturas; manifestos; surrealismo.

"Monangamba" e "Poema da Alienação" na concretização do ideário da *Mensagem*

José Gueleka Kandjandja Kapetula (Universidade Nova de Lisboa)

Uma ideia comum em torno da revista *Mensagem* (Luanda, 1951-1952) consiste no facto de ser considerada conciliadora de um conjunto de vontades para a afirmação de uma nova cultura angolana. Entendemos “nova” no sentido da rutura pretendida em relação à cultura colonial, centrada em códigos, representações e num quadro estético lusitano. *Mensagem* acabou por congrega a iniciativa de jovens angolanos, tendentes à redefinição dos dados fundamentais para uma nova caracterização cultural de Angola. Esta caracterização teria por base valores universais e negritudinistas, capazes de promover a angolanidade, concebida como uma forma de ser e de expressão diferentes daquelas em que esses atores se viam representados também por via da literatura. É neste contexto que se enquadram poemas como “Monangamba” e “Poema da alienação” de António Jacinto, que para nós se ajustam ao ideal literário perspectivado pela revista *Mensagem*, porquanto os dois poemas, pela tentativa de representação da negritude, pela militância em relação à condição da classe trabalhadora angolana e consequente exposição (no sentido da denúncia) do colonialismo, pelas questões de exploração económica, privação de direitos (educação, sobretudo), valorização da terra e idealização de uma sociedade mais justa, expressam a angolanidade cultural e literária. Embora tenham sido publicados anos mais tarde da saída dos dois números da *Mensagem*, os poemas referidos concretizam o ideário da mesma, o que estará relacionado com a participação ativa de António Jacinto no seu projeto fundador. O facto de “Monangamba” e “Poema da alienação” serem ainda hoje poemas bastante lidos, em contexto educativo em Angola, pela sua qualidade estética e pelo facto de o conteúdo veiculado ser revelador dos problemas sociais vividos na época, pelo facto de serem parte das leituras obrigatórias nas aulas de Literatura Angolana dos cursos superiores de Formação de Professores de Língua Portuguesa e ainda pela circunstância de a revista *Mensagem* ser desconhecida por grande parte dos alunos que frequentam esses cursos, achamos que pelo estudo dos dois poemas referidos acima seja possível promover discussões sobre os valores defendidos por este periódico.

Palavras-chave: Monangamba; poema da alienação; *Mensagem*.

Contra os idealistas: um estudo isológico e heterológico entre “Mestre Tamoda” e “Dom Quixote” enquanto personagens

Destino Ventura José (Círculo de Estudos Literários e Linguísticos Litteragris-CE3L/Angola)

Este trabalho propõe uma crítica literária rigorosa e inovadora ao analisar comparativamente as personagens Mestre Tamoda (de Uanhenga Xitu) e Dom Quixote (de Miguel de Cervantes), a partir da teoria da Literatura Comparada Materialista de Jesús G. Maestro. A análise articula modelos isológicos (personagem com personagem) e heterológicos (personagem com transdutor), visando romper com leituras idealistas e superficiais que ignoram a complexidade racional e crítica dessas figuras. Ambos os personagens, embora inseridos em contextos socioculturais distintos (Angola e Espanha), compartilham uma postura idealista marcada pela criação arbitrária de conceitos e uma relação ilusória com a realidade. No entanto, longe de serem meros loucos ou caricaturas, representam críticas profundas ao sistema educacional,

ao intelectualismo vazio e à assimilação cultural imposta, sendo protótipos universais do pensamento intelectual contemporâneo. Através de uma abordagem transdutiva, o estudo insere Mestre Tamoda no cânone literário universal, com base em critérios objectivos de comparação, defendendo uma crítica literária que ultrapassa fronteiras ideológicas e valoriza a dialéctica entre ideias e factos. Conclui-se que a literatura, enquanto instrumento racional, deve desafiar a inteligência humana e superar o idealismo que ainda predomina em muitas interpretações críticas.

Palavras-chave: Mestre Tamoda; Dom Quixote; literatura comparada; materialismo filosófico. Uanhenga Xitu

Problemas comuns entre a lusofonia e a anglofonia nas Literas Africanas: uma leitura contrastiva entre *Geração da Utopia* e *Wreath for Udomo*

Joaquim José de Oliveira Caundo (Ki Editora/Angola)

O presente artigo propõe uma leitura comparativa entre *Geração da Utopia*, de Pepetela, e *A Wreath for Udomo*, de Peter Abrahams, com o intuito de identificar problemáticas recorrentes nas literaturas africanas de expressão portuguesa e inglesa. Ambas as obras revelam inquietações ligadas ao período pós-independência, destacando a frustração com os ideais revolucionários, a tensão entre política e ética, bem como a crise identitária enfrentada pelas sociedades africanas emergentes. Embora situados em contextos coloniais distintos, os dois romances convergem na crítica às promessas traídas pelas elites nacionalistas e na exposição das contradições que permeiam os processos de construção nacional. A análise ressalta como esses autores, a partir de diferentes tradições linguísticas e culturais, denunciam o impacto do neocolonialismo e expressam os dilemas vividos por uma geração marcada por sonhos de transformação. A reflexão evidencia uma base de experiências comuns que ultrapassa barreiras linguísticas no espaço literário africano contemporâneo.

Palavras-chave: Literatura africana; pós-independência; identidade; utopia; neocolonialismo; Literatura Comparada.

SIMPÓSIO 7

DIÁLOGOS INTERARTES: A INTERSEÇÃO DAS LITERATURAS AFRICANAS E AFRODIASPÓRICAS

COORDENAÇÃO: ROBERTA MARIA FERREIRA ALVES (UFVJM/GEED/BRASIL)

Ancestralidade e Lugar: Estudo Comparativo entre *Canto Obscuro às Raízes*, de Conceição Lima, e *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo.

Pedro Henrique Pimenta de Sousa (UNILAB)

O presente estudo busca traçar um paralelo entre textos literários de duas autoras de literaturas em língua portuguesa que expressam suas “escrevivências” em poesia e prosa com histórias que dialogam entre si através de dois olhares: a ancestralidade e o lugar. Tanto Conceição Lima, em seu poema *Canto obscuro às raízes*, quanto Conceição Evaristo, em seu romance *Ponciá Vicêncio* evidenciam as condições de exploração e sobrevivência em meio aos problemas socioeconômicos, recordando os espaços natais e suas raízes ancestrais nunca abandonando os sentimentos e recordações de suas famílias. Para estabelecer aproximações e distanciamentos entre as duas obras, utilizaremos uma pesquisa feita em duas etapas (Ancestralidade, a partir das ideias de Palmeira, Maringolo, Santos e Miranda; e Espaço, pelas perspectivas de Bachelard, Duarte e Filho) que são, ao mesmo tempo, singulares, mas que também se complementam na formação de uma ideia geral em que, por nossa conclusão, colocam as duas obras em contato de aproximação, relacionando São Tomé e Príncipe e Brasil através de suas mulheres.

Palavras-chave: Literatura Africana em língua portuguesa; literatura comparada; ancestralidade; Conceição Lima; Conceição Evaristo.

A literatura ruidosa: um conceito atravessando o Atlântico?

Adécio de Sousa Cruz (UFBA)

O conceito literatura ruidosa (CRUZ, 2009) foi pensado em contraposição ao uso antiético da violência no tocante à representação de pessoas negras e/ou afro-diaspóricas, bem como de seus modos de vida e suas produções culturais na literatura contemporânea brasileira. Dentre os elementos que a diferenciavam do que se denominou mercadoria da crueldade (idem) estão as heranças da afro-diáspora, especialmente, relativas às artes, literatura, línguas e linguagens. Ao se deparar com tais elementos, parte da crítica literária e da sociedade brasileira continua a ignorar saberes produzidos fora do “cânone”. Em contraposição às recusas nem sempre silenciosas, escolheu-se o ruído como forma de combate e essa poética das literaturas africanas de língua portuguesa está editada na coleção “Infame Ruído”. Nosso texto irá dialogar com os bons ventos de África, a partir da poesia de João Melo e seu mais recente livro *Os sonhos nunca são velhos* (2024). Outras poéticas negras e/ou afro-brasileiras,

afro-diaspóricas também serão trazidas para a cena, de modo a ampliar as possibilidades desse jogo de vários tabuleiros ruidosos-poéticos.

Palavras-chave: Poéticas; Literaturas africanas; Afro-diáspora; Performance.

Estratégias poéticas para uma educação antirracista em poemas de Ana Cruz e Conceição Evaristo.

Bruna Carla dos Santos (CEFET-MG)

“Os livros da escola não contam a história do nosso povo”. O verso abre o videoclipe “Ubuntu, eu sou porque nós somos”, lançado pela Banda Alana, para valorizar práticas antirracistas nas escolas. Desde 2003, a lei 10.639 prevê a inclusão do ensino de história e cultura afro-brasileira no currículo escolar. Nesse sentido, a música mostra que a história do país também é preta, escrita por personalidades como Lélia Gonzalez e Abdias Nascimento e tantos mais. Pensando nisto, surge uma indagação que está presente nas reflexões de vários estudiosos brasileiros, que é como continuar a reforçar os vínculos de um povo ou de homens e mulheres afrodescendentes com traços de suas memórias, num contexto digital no qual computadores, celulares e outros meios de comunicação entram em nossas vidas, de forma a nos conduzir por caminhos instáveis, rumo às nossas relações com as raízes ou com memórias constituídas? Ao tentar responder às questões levantadas no início e garantir a eficácia da reflexão de Candido sobre o direito à literatura é que, cientes da importância da obra de duas escritoras estudadas Ana Cruz e Conceição Evaristo, queremos ressaltar estratégias poéticas que procuram revisitar o passado e valorizar as experiências vividas por seu povo. Tentaremos elucidar como os poemas de Ana Cruz e Conceição Evaristo conferem-nos o direito à literatura sobre o qual Antonio Candido discute em seu artigo e assim promover uma educação antirracista a partir das escritivências do povo negro (a).

Palavras-chave: Educação antirracista; memória; literatura- afro-brasileira e afrodiaspóricas.

A violência no trânsito migratório experienciado por Ayana em *A bagagem da imigração* e a especificidade da condição migrante feminina

Aleízy Aparecida Barati Domingos (UFLA)

Em *A bagagem da imigração* (2024), Patrícia Moreira nos apresenta Ayana que, cansada da vida de faltas e ausências vividas em Cabo Verde ao lado da mãe e da filha, parte para a França em busca de condições melhores de vida e de acabar com a distância que atrapalhava sua história de amor com Samuel, um antigo vizinho. A migração, que seria feita de forma ilegal, é planejada tendo Portugal - onde Ayana passa um curto período de tempo com alguns familiares - como porta de entrada para as terras francesas. Ao desembarcar em Portugal, cheia de idealizações criadas pelo imaginário que Cabo Verde mantinha vivo sobre a antiga metrópole, Ayana já se surpreende com a violenta realidade: embora vivendo no espaço português, todos os seus familiares e conhecidos pareciam estar à margem, habitando lugares impróprios que, ao que tudo indicava, eram lar de grande parte dos imigrantes que ali chegavam e permaneciam como o “outro”, sem serem, de fato, integrados socialmente. Na França, a violência não só permanece como é acentuada, o que é percebido por Ayana e nos leva ao questionamento de se a condição migrante feminina possui especificidades, uma vez

que os personagens masculinos parecem não sofrer com algumas das questões que afetam a protagonista. A partir disso, portanto, o presente trabalho objetiva usar o romance para discutir como a experiência migratória é perpassada pelas questões de gênero e se, de certa forma, isso subalterniza ainda mais esses sujeitos, fazendo com que suas vivências sejam ainda mais violentas.

Palavras-chave: Experiência feminina; Literatura negra; Imigração; Subalternização

A coreografia do sensível: a morte como figuração do outro em *(A)s visitas do dr. Valdez e Niketche*: uma história de poligamia

Erick Campanhão Anciães (UFRJ)

Em determinadas sociedades pré-coloniais localizadas no atual território moçambicano, as danças Mapiko e Niketche atuam como ritos de passagem para a vida adulta. A partir da comparação crítica entre *As visitas do Dr. Valdez* (2010), de João Paulo Borges Coelho, e *Niketche: Uma história de Poligamia* (2021), de Paulina Chiziane, este trabalho analisa como essas danças se manifestam nas narrativas como alegorias enraizadas na história e carregadas de significados simbólicos, influenciando a criação, ou a destruição, de valores individuais e coletivos das protagonistas Vicente e Rami, respectivamente. Emergindo de forma subjetiva por meio de uma narrativa coreografada pelas expressões de corporeidade, essas danças constroem performances que transcendem o mero movimento físico, convertendo-se em linguagem corporificada, como propõe Leda Maria Martins (2021). A partir da apoteose das alegorias do corpo, representada pela figura do cadáver, segundo Benjamin, é possível compreender como tal coreografia instaura um processo de recriação alegórica da história, condensando em imagens corporais as tradições mais profundas. A recriação se concretiza pela perda de algo essencial, perceptível na morte enquanto figuração do outro. Vicente perde o pai; Rami, embora consciente da irreidade da morte, perde o marido. Essa imagem, como adereço emblemático, eleva as danças ao estatuto de monumentos poéticos. Assim, ao mesmo tempo em que captura um presente marcado pelas rupturas do colonialismo, a coreografia desafia a linearidade histórica e confronta o discurso de poder ao evocar um passado ancestral permeado pela subjetividade das personagens.

Palavras-chave: Dança; performance; morte; Literaturas Africanas.

Identidade, memória e diáspora: deslocamentos e heranças nos romances *Também os Brancos Sabem Dançar*, de Kalaf Epalanga e *Louças de Família*, de Eliane Marques

Anderson Brum (Universidade Federal de Pelotas - Carrefour)

O presente estudo propõe uma análise das obras *Também os brancos sabem dançar* (2017), de Kalaf Epalanga, e *Louças de família* (2023), de Eliane Marques, com foco na herança familiar e nas identidades diaspóricas forjadas no entrecruzamento das experiências negras nas literaturas angolana e brasileira contemporâneas. Por meio das perspectivas teóricas de Frantz Fanon, Stuart Hall e Grada Kilomba, o trabalho discute a construção da identidade negra nos contextos de fronteira e sobre como estar em travessia influencia nas representações de diáspora, conceito que aparece alicercado pelas contribuições de Avtar Brah. Nas obras analisadas, o corpo negro atua como representação da memória e da

resistência, bem como é acompanhado de elementos culturais que transcendem as nações. Em Epalanga, a sua narrativa inscreve a subjetividade negra na travessia proposta pela música e pela dança como espaços de expressões identitárias e união entre povos. Já a obra de Eliane Marques coloca ênfase na necessidade de retomar controle sobre as histórias do passado a partir de vozes negras, assim, rompendo com narrativas hegemônicas e atuando em prol da memória de pessoas negras em diáspora. Com isso, o estudo busca refletir sobre como essas duas obras, em suas linguagens e realidades específicas, propõem alternativas estéticas e políticas para pensar a diáspora africana e a reconfiguração das memórias e identidades negras.

Palavras-chave: Diáspora; identidade; memória; herança.

Corpo e memória coletiva da negritude brasileira: um diálogo entre a Telenovela *Vai Na Fé*, de Rosane Svartman, e o Romance *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo

Pedro Henrique Sales Pereira (UFPB)

O presente trabalho tem como objetivo tecer reflexões através de uma pesquisa qualitativa-bibliográfica, no intuito de analisar personagens femininas negras presentes na telenovela *Vai na Fé* (2023), escrita por Rosane Svartman, e na obra *Becos da Memória* (2006), de Conceição Evaristo, de maneira que possamos analisar a ficcionalização da memória e do corpo negro feminino, e como as obras almejam um rompimento de um passado de estereotipação narrativa. Com isso, aludimos aos estudos de Leda Maria Martins (1996) e Cristian Souza Sales (2008) em relação aos arquétipos da mulher negra retratados na literatura brasileira desde o século XX, associando também com os registros de pesquisa presentes na obra *A negação do Brasil: O negro na telenovela brasileira* (2000), de Joel Zito Araújo. Somado à isso, investigaremos também os desdobramentos da memória individual e coletiva de Michael Pollak (2006) e Maurice Halbwachs (2004) de modo que entendamos o caleidoscópio da memória presente nos personagens de Svartman (2023) e Evaristo (2006) e como sua ótica narrativa cria um elo diegético entre si e um efeito de verossimilhança ao espectador e leitor negro brasileiro, reinventando também a representação de mulheres negras brasileiras na televisão e na literatura contemporânea brasileira.

Palavras-chave: Corpo negro feminino; memória; romance; telenovela.

SLAM! grito decolonial de pés fincados em África.

Maria Cecília Braga Gomes (UFRJ)

Esta pesquisa tem o objetivo de analisar o *Slam* Carioca como uma manifestação artística que reatualiza uma ancestralidade africana. O trabalho irá adentrar na performance da poeta negra, Carol Dall Farras. A pesquisa procura entender como a performance no *Slam* pode conversar com culturas africanas antes e durante a diáspora, com as vivências e marginalizações do sistema escravocrata. Vivências de desumanização e cerceamento do corpo, que serviram como obstáculos para subjetividade e expressão dessas pessoas. Com uma metodologia qualitativa sustentada por um estudo de caso, será analisada aqui a performance da *Slammer* na batalha final de 2017, do coletivo *Slam* Das Minas RJ, com sua Poesia “Na Ponta do Abismo”. Dessa análise, se levanta o questionamento de uma memória

ancestral presente no corpo negro. Fundamentando com as contribuições de Grada Kilomba (2019), que discute o impacto da ação colonial no povo preto, expondo a memória sufocada, mas ainda resgatável no corpo do afrodescendente. As proposições de Leda Maria Martins (2021) fundamentam e auxiliam a pensar o *Slam* como uma performance espiralar. Pretende-se abordar como essa memória e reatualização são expressadas na ligação da poesia falada com a tradição oral africana, no fato da cena do *Slam* ocorrer na rua. E em como essa memória está presente na movimentação do corpo no momento da performance. É um trabalho que pensa o *Slam* como: um grito que decolonializa profundas e seculares amarras, através desse pé afrobrasileiro que se finca na terra ainda pública, terra onde chama e onde descansa seus ancestrais.

Palavras-chave: *Slam*; poesia falada; diáspora africana; corpo; memória.

Sob as águas de Iemanjá: saberes ancestrais femininos em “Maréia”, de Miriam Alves

Wesley Barbosa Rosendo (UFPB)

A pesquisa analisa o romance *Maréia* (2019), da escritora negra brasileira Miriam Alves, com foco na poética das águas salgadas enquanto elemento constituinte da subjetividade de *Maréia* e Maria Dorotéia. No romance, o oceano Atlântico constitui-se como o fio condutor da narrativa que articula ancestralidade, pertencimentos e assentamentos de resistência (Sales, 2020). De acordo com a intelectual negra Adilbênia Machado (2020), a ancestralidade negra feminina está vinculada à reinvenção dos modos de existência (Machado, 2020). Assim, o mar, simbolizado por Iemanjá, orixá das águas salgadas, ocupa um lugar crucial na construção da identidade dos Nunes dos Santos. Desse modo, Iemanjá, representa a força negra feminina e a (re)conexão ancestral, guiando os caminhos percorridos por mulheres negras diaspóricas que enfrentam as violências do racismo estrutural. As águas salgadas se configuram em um caráter ritualístico, gesto de preservação de memórias do Atlântico, energias ancestrais, sabedoria, cura e acolhimento. Conforme a pesquisadora negra brasileira Ana Rita Santiago (2020), somos feitos de água, que nos atravessam. Elas não se limitam ao corpo físico, pois carregam uma memória ancestral que nos antecede (Santiago, 2020). Nesse contexto, as epistemologias negras fundadas nos saberes ancestrais femininos transmitidos na casa dos Nunes dos Santos, perpassam pela oralidade, memória e corporeidade. É através de narrativas que valorizam saberes ancestrais esses que Miriam insurge com os paradigmas da supremacia branca à brasileira e afirma outras formas de (re)existir. O aparato teórico desta pesquisa são Cuti (2010), Machado (2019), Martins (2021), Sales (2020), Santiago (2020), Schucman (2012).

Palavras-chave: Poética das águas; Iemanjá; literatura negro-brasileira; Miriam Alves.

Música, a voz de resistência e emancipação sociopolítica antes e pós-independência em Angola

Miguel Lombas (UFRGS)

O presente artigo é um recorte da dissertação de mestrado apresentado na Universidade Federal do Oeste da Bahia – UFOB, cujo tema é: Música e Política: A vida social angolana no *rap* de MCK. A partir de uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e interdisciplinar, procurou-se

identificar e explicar o cotidiano angolano por meios da construção artística MCK e como ele utiliza a sua música como ferramenta de luta, de contestação do sistema político e das desigualdades sociais existentes em Angola, sendo assim tratado como inimigo do estado pelas instâncias do poder político. O artigo tem como objetivo dialogar e compreender as funções sociais e políticas da música *semba* e do *rap* enquanto vozes, discursos poéticos de resistência e de emancipação. Uma contribuição na informação e na formação intelectual dos angolanos, ajudando-os na luta, e a repensar Angola, na perspectiva de um país que deve ser melhor para todos, independentemente das diferenças étnicas, religiosas, ideológicas e políticas. Os resultados apontam para uma poética coletiva no rap e no *semba*, que desde a era colonial até a presente data vêm conectando a população no despertar de consciência política. Com as nossas análises, queremos demonstrar, como os discursos poéticos de resistência do *semba* e do *rap* funcionam como estratégias de enfrentamento sociais e políticos, capazes de promover uma sociedade mais esclarecida e justa.

Palavras-chave: Literaturas Africanas de Língua Portuguesa; estética; Epistemologias do Sul

Interculturalidade e simbolismo: um estudo da música “Oração” do músico angolano Kid MC.

Luís Brion (UFPR)

Nado da Cunha (UFPR)

Wilson Miguel Turé (UFPR)

Este estudo analisa a interculturalidade e o simbolismo na música “Oração”, do rapper angolano Kid MC, evidenciando a conexão histórica e cultural entre Brasil e África. Fundamentado em revisão bibliográfica de autores como Fanon (1968), Bakhtin (1987), Foucault (1997), Santos (2009), Teperman (2015), Munanga (2018) entre outros, a análise textual percorre um itinerário que contempla a relação entre os dois territórios, a trajetória do *rap* e os elementos simbólicos da obra. Os resultados indicam que a música reafirma essa estética como instrumento de resistência, expressão sociopolítica e afirmação identitária, destacando aspectos como ancestralidade, religiosidade e descolonização cultural. Além disso, demonstra que “Oração” transcende a tradição do rap ao centralizar as lutas e saberes da diáspora africana, promovendo o diálogo intercultural e fortalecendo a identidade afrodescendente.

Palavras-chave: *Rap*; simbolismo; interculturalidade; resistência.

Pra quem veio do lado de lá do Atlântico: Emicida e as tessituras de uma memória diáspora em Mandume

Manuela Luiza de Souza (Egressa da UFVJM/FAPEMIG)

Roberta Maria Ferreira Alves (UFVJM/GEED/LiterAfrica/FAPEMIG)

A diáspora africana, enquanto fenômeno histórico e cultural, originou múltiplas formas de resistência e elaboração identitária nas Américas. No Brasil, essas manifestações se expressam na literatura afro-diaspórica e na música popular. Neste contexto, destaca-se a canção Mandume (2015), do rapper Emicida, que resgata Mandume Ya Ndemufayo, líder anticolonial

do antigo reino africano de Cuanhama, na primeira década do século XX, conectando lutas africanas a resistências negras contemporâneas no Brasil. Este trabalho tem como objetivo investigar como o rap atua como enunciado artístico-político que resgata e reconfigura memórias da resistência africana na diáspora, dialogando com a Arte afro-diaspórica e contribuindo para a construção de subjetividades negras. A pesquisa adota abordagem interdisciplinar, ancorada nos estudos de Gilroy (2001), Hall (2003) e Canclini (2008), e na noção de campo expandido da literatura de Garramuño, (2014). Para pensar a música como forma de historiografia, recorre-se a Trouillot (1995) e Scott (1995), que discutem silenciamentos e narrativas subalternas. A análise revela que Mandume opera como gesto político-estético que reinscreve memórias negras na história, ressignificando pertencimentos identitários e desestabilizando narrativas coloniais. Ao articular música e literatura, o estudo evidencia o potencial dessas linguagens na construção de uma historiografia contra-hegemônica, reafirmando o valor epistêmico das expressões culturais negras.

Palavras-chave: Mandume; historiografia crítica; cultura afro-diaspórica; silenciamentos históricos; campo expandido.

Poéticas do vento: os arquétipos de Iansã na literatura e música negro-brasileira

Luciano Galdino da Silva Júnior (UFPB)

O presente trabalho tem como principal objetivo desenvolver uma análise comparativa a partir dos arquétipos da orixá feminina Iansã, uma das figuras mais poderosas e reverenciadas da espiritualidade afro-brasileira, conhecida por sua energia indomável e impetuosa, representando a força da não submissão, da liberdade conquistada, e da impossibilidade de ser aprisionada, tal como o vento, seu elemento primordial (Zenicola, 2014, p. 41). A pesquisa de caráter dialógico se concentra na produção literária e musical de autoria negra brasileira, utilizando como corpus o romance “Menina de Fogo” (2023), da escritora sergipana Taylane Cruz, e a canção “Comigo Ninguém Pode” (2019), da cantora e compositora Mc Tha. A partir dessa análise, busca-se compreender como essas duas obras evocam e reinterpretam os arquétipos de Iansã por meio de uma linguagem rica em metáforas e simbolismos. Enquanto Taylane Cruz, no campo literário, constrói uma personagem a partir das qualidades atribuídas à orixá, Mc Tha, em sua canção, articula musicalmente os elementos de poder e resistência associados à orixá. Ao explorar essas representações, o trabalho pretende não apenas traçar pontos de convergência entre as duas produções, mas também refletir sobre o papel de Iansã na construção de identidades negras femininas, destacando como a espiritualidade afro-brasileira torna-se fundamental para a preservação da ancestralidade africana. Para fundamentar as discussões levantadas nesta pesquisa, teremos como base teórica Prandi (2020), Evaristo (2010) e Martins (2003).

Palavras-chave: Literatura negro-brasileira; música; Iansã.

Entre a borboleta e a liberdade, eu sei porque os pássaros cantam na gaiola: entre pratos não lavados e corpos fenomenais: poéticas negras e a reconfiguração da experiência estética na diáspora.

Jorge Manoel Venâncio Martins (SEE/MG)

Propõe-se uma análise comparativa dos poemas de Cristiane Sobral (Não vou mais lavar pratos), Mel Duarte (Menina Melanina), mulheres negras brasileiras e Maya Angelou (Phenomenal Woman), mulher descendente de África, afro-estadunidense. Como estas poetisas negras compartilham um mesmo gesto estético: o de inscrever, pela palavra poética, a experiência da mulher negra enquanto sujeito de linguagem, história e resistência. Ao entrelaçarem as dimensões do corpo, da memória e da ancestralidade, não apenas ressignificam os espaços de fala historicamente negados às mulheres negras, como também instauram modos outros de pensar a arte, o mundo e a experiência. A proposta se ancora na perspectiva do pensamento feminista negro (Stewart, Hill Collins; Alice Walker, Leda Maria Martins nos aportes do pensamento crítico contemporâneo africano e afrodiaspórico (Mbembe, 2019), também da (re)leitura da percepção benjaminiana de aura, compreendida como a articulação singular entre tempo. As poetisas, ao inscreverem suas vivências na tessitura dos poemas, deslocam marcos da tradição literária e oferecem possibilidades de pensar o literário como espaço de encontro entre culturas, saberes e modos de ser. Este texto pretende evidenciar nessas escritas femininas negras diálogos que provoquem a seguinte questão: Até quando as nobres filhas da África serão forçadas a deixar que seu talento e seu pensamento sejam soterrados por montanhas de panelas e chaleiras de ferro? (STEWART, 1831)

Palavras-chave: poesia negra; diáspora africana; mulher negra; estética da resistência.

SIMPÓSIO 8

LITERATURAS, CULTURA E TRADIÇÕES ORAIS

COORDENAÇÃO:

TERESA MARIA ALFREDO MANJATE (UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE / MOÇAMBIQUE)

“Wazi” e a reinvenção da tradição: literatura, identidade e imaginário nacional em Moçambique no pós-independência

Luciana Soares da Silva (UFRJ)

Este trabalho analisa o sexto volume da coleção “Contos de Moçambique”, o livro Wazi, de Rogério Manjate, com ilustrações de Celestino Mudaulane. A obra faz parte do corpus da literatura infantojuvenil moçambicana do pós-independência analisado em pesquisa que discute as possíveis contribuições da literatura infantojuvenil para a construção do imaginário e das identidades nacionais em contextos de transformação, como o vivido por Moçambique após 1975. A metodologia emprega abordagem qualitativa, a partir da leitura crítica do texto, identificação de elementos simbólicos, análise das imagens e diálogo com referenciais teóricos sobre literatura, tradição, identidade e formação nacional. A discussão evidencia como Wazi mobiliza a tradição oral e apresenta saberes ancestrais e práticas cotidianas, ao mesmo tempo que propõe a releitura e a problematização dessas tradições diante da contemporaneidade, seguindo conceitos como a reinvenção da tradição discutidos em “Palavra nação”, obra organizada por Daniel Conte e Jane Tutikian. O estudo destaca a valorização do diálogo intergeracional, a autonomia juvenil, o espaço ritual da floresta e a abertura a múltiplos sentidos de pertencimento. As ilustrações, realizadas com nanquim, amplificam a simbologia do conto, enriquecendo o reconhecimento da fauna, da flora e do repertório visual moçambicano, além de dialogarem com práticas artísticas locais e o trabalho autoral do ilustrador. Os resultados apontam que Wazi contribui para a construção de uma moçambicanidade plural e crítica, promovendo o questionamento dos papéis tradicionais e a afirmação de uma identidade nacional em constante (re)construção.

Palavras-chave: Literatura; Moçambique; infantojuvenil; tradição oral; identidade; artes visuais.

Tradicionalismo e Cosmovisão Bantu na Poesia de Viriato da Cruz

João Ngola Trindade (UAN/Angola)

Neste ensaio, apresenta-se inicialmente, de forma sucinta, o panorama literário vigente, em Angola, no período colonial, caracterizado pela produção da literatura colonial, a sua difusão pela imprensa colonial, a sobrevalorização da literatura europeia e a exclusão da literatura angolana do ensino colonial. Posteriormente, analisam-se os poemas de Viriato da Cruz e, por último, faz-se uma abordagem sobre a recepção da sua obra e a consagração do poeta, ao longo do tempo, coroada com a atribuição do Prémio Nacional de Cultura e Artes (2018). Para atingir este objetivo, procedeu-se a utilização de obras literárias, do género poesia e romance,

estudos e documentos. A frequência no espaço cibernético possibilitou a localização do poemário do poeta, *Poemas*, editado pela Casa dos Estudantes do Império (1960), e reeditado pela União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA) (2014). A pesquisa arquivística, desenvolvida na Fundação Mário Soares, através da plataforma Casa Comum, baseou-se na localização e análise de documentos digitalizados como os *Apontamentos Sobre a Poesia Angolana* (1949) e *Que Se Entende Por Literatura Negro-Africano?* (1951). O primeiro, da autoria de Filinto Elísio de Menezes, é um ensaio em que Viriato da Cruz é apontado como poeta representativo da poesia angolana. O segundo é a terceira parte de um estudo do Mário Pinto de Andrade no qual o ensaísta compara a poesia de Viriato da Cruz com a de Agostinho Neto.

Palavras-chave: Angola; poesia; literatura oral; mato; Viriato da Cruz.

Entre Metamorfoses e Cosmovisões nas Literaturas Africanas: olhares animistas sobre as transmutações

Silvio Ruiz Paradiso (UFDG)

“Metamorfose” é um termo inerente à realidade colonial, em que os paradigmas e concepções ontológicas e identitárias descortinam uma questão recorrente na literatura africana: Quem sou eu? A partir disso, este artigo objetiva analisar o fenômeno da metamorfose/transmutação como uma das características do texto real-animista, consequência estética advinda da concepção animista de ver o mundo. Para tanto, discutiremos como a presença do imaginário da religiosidade tradicional africana se traduz em recorrentes episódios insólitos – como a transmutação –, através de vários autores e autoras do continente africano. Por fim, veremos que a presença deste fenômeno traduz não só um imaginário mítico, mas os devires homem e nação em sociedades fragmentadas identitariamente pelo colonialismo.”

Palavras-chave: Realismo animista; metamorfose; transmutação; literatura africana; cosmovisão.

Muxima wami: em busca do “coração”, em alguns provérbios angolanos

Bernardo Nascimento de Amorim (UFOP)

Tive uma ideia: procurar, dentre os 500 provérbios recolhidos e publicados por Óscar Ribas, no primeiro volume do seu *Missosso*, aqueles em que aparece a palavra “muxima”, cujo significado, em português, parece ser “coração”. Chamou a minha atenção a quantidade de provérbios da recolha de Ribas em que aparece o termo, tão significativo também em algumas línguas ocidentais. São cerca de duas dezenas os textos em que lá está: “muxima”. Na tentativa de me aproximar do imaginário dos ambundu, falantes do kimbundu, vou atrás de suas palavras, de algumas delas. Tenho em vista analisar alguns provérbios; e, no horizonte, uma pergunta: as análises (sujeitas às limitações do leitor que aqui se insinua) revelarão a expressão do Ubuntu, tema de interesse do simpósio? Para além da tentativa de compreensão

de um conjunto de provérbios, em si, interessa-me, pois, responder a esta pergunta, com vontade de dialogar com colegas presentes.

Palavras-chave: Angola; Kimbundu; literatura; provérbios.

Contando histórias da tradição oral e das memórias na escrita da trilogia *Mistida* de, Abdulai Sila

Jardel Pereira Fernandes (PUC MINAS/CAPES)

Esta apresentação propõe uma análise das narrativas *Eterna Paixão* (1994), *A Última Tragédia* (1995) e *Mistida* (1997), as quais compõem uma Trilogia, cujo autor Abdulai Sila permite pensar a tradição oral como cosmovisão que comporta as memórias e a tradição em suas interfaces com outras formas de encenação das tradições. Ao passo que a oralidade em África chancela os saberes ancestrais e milenares é preciso ampliar, espraiar o escopo de atuação da tradição por refletir na escrita literária como forma de manutenção e transmissão das representações múltiplas das tradições. É esse movimento que rasura a historiografia oficial e re (escreve) as memórias dos esquecidos. Memórias individuais e coletivas estão imbricadas ao processo de construção das narrativas memoriais. A música sempre figurou como marca do continente africano e é produto dos substratos da oralidade de forma que ela serve como assinatura que confirma a tradição guineense conforme se pode notar com destaque no romance *Mistida* (1997). As vozes que atravessam os romances estão embebidas pela musicalidade que abre majoritariamente sete das dez epígrafes dos capítulos em *Mistida* (1997). As músicas comportam signos dos dialetos locais, os quais, refletem e refratam a constituição das marcas da oralidade. Os trânsitos da memória pretendem contar as tradições em uma condição de hibridização, uma vez que, se apresentam sob a influência do colonizador.

Palavras-chave: Tradição oral; memórias individuais e coletivas; performances da tradição; história e cultura; musicalidade.

Literatura quilombola saberes ancestrais e tradicionais do povo do quilombo

Ednalva Santos da Silva (Rede Municipal de Educação de Feira de Santana/BA)

O presente artigo se propõe a descrever ações voltadas para a produção literárias de jovens quilombolas da Comunidade de Moita da Onça e Candeal com vistas envolver os jovens na produção literária e artística, tendo como base os princípios quilombolas, ancestralidade, coletividade, oralidade, memória com o desenvolvimento de atividade de literatura, ocupando o tempo ocioso dos jovens em uma construção coletiva e produtiva. E ao mesmo tempo propagar os conhecimentos quilombolas tão desvalorizados, ao longo da história. Tendo como objetivo Promover a produção literária e artística dos jovens quilombolas com vistas a promoção e valorização dos saberes ancestrais. A metodologia escolhida é o grupo focal, pois possibilita definir um grupo de pessoas para realizar os estudos e as produções literárias. Por fim espera-se fortalecer a identidade cultural por meio da literatura que represente os princípios quilombolas. Assim como envolver os jovens e adultos em atividades produtivas criando oportunidades a estes sujeitos de ser protagonistas de sua própria história.

Palavras-chave: Literária; quilombola; produção; jovens; ancestralidade.

“A árvore que tinha batucada”, de Boaventura Cardoso, como gramática da prosa animista e a derrota do sujeito cartesiano

Hélder Simbad (Círculo de Estudos Literários e Linguístico Litteragris – CE3L/Angola)

O conto *A Árvore que Tinha Batucada*, de Boaventura Cardoso, integra a literatura angolana pós-colonial e apresenta um confronto simbólico entre a visão cartesiana ocidental e a cosmovisão animista africana, centrada na “força vital” dos povos Bantu. Ambientado no período colonial, o enredo narra os fenômenos sobrenaturais associados a uma árvore misteriosa, que desafia a autoridade e o racionalismo da administração portuguesa. Por meio de elementos da oralidade, da tradição espiritual africana e da simbologia natural, o autor constrói uma narrativa insólita, onde a sabedoria ancestral se sobrepõe ao poder colonial. A obra propõe uma crítica à alienação cultural dos africanos assimilados e reafirma a importância das epistemologias tradicionais no processo de resistência e identidade.

Palavras-chave: Boaventura Cardoso; animismo; tradição oral; cosmovisão africana; colonialismo; racionalismo cartesiano; literatura angolana; força vital; prosa insólita.

O inconsciente animista nos provérbios de “A morte do velho kipacaça”, de Boaventura Vardoso

Auliam da Silva (PUC Minas/SEE-AM)

Partindo das reflexões de Harry Garuba (2012), em seu ensaio *Explorações no realismo animista*, objetivamos com este trabalho verificar como alguns provérbios presentes no conto *A morte do velho Kipacaça*, de Boaventura Cardoso (2004), relevam para o leitor um inconsciente animista presente na tradição africana. Entendemos que a encenação de uma realidade anímica é proveniente de um trabalho de elaboração formal por parte desse escritor angolano, a qual apresenta-se por meio dos provérbios presentes nos discursos dos sujeitos ficcionais. Como arcabouço teórico utilizamos os ensaios de Harry Garuba (2012) e Ruth Finnegan (2012).

Palavras-chave: Literatura Angolana; animismo; sentenças proverbiais.

Interdiscursividade e oralidade nos contos “A menina que não falava”, literatura popular moçambicana, e “A menina sem palavra”, de Mia Couto

Perla Araújo dos Santos (UFMS/CAPES)

Carina Marques Duarte (UFMS)

Este trabalho tem como ponto de partida os conceitos de “interdiscursividade”, proposto por Ato Quayson (1997) e problematizado por Brugnioni (2019), bem como “oralidade” analisado por meio dos estudos de Ana Mafalda Leite (2020), tais conceitos são observados nos contos selecionados para análise: “A menina que não falava”, do livro *Moçambique*, de Júlio Emílio Braz e “A menina sem palavra” do livro *Contos do nascer da Terra* de Mia Couto. Temos o intuito de ilustrar como as narrativas orais passeiam pelos tempos e espaços, encantam e

inspiram outros contadores de histórias e, assim, entram pelos caminhos da escrita por meio de autores como Mia Couto. Estes autores buscam na tradição oral a inspiração para seus textos e, dessa forma, contribuem para o resgate e manutenção da memória e identidade de seu povo.

Palavras-chave: Interdiscursividade; oralidade; contos moçambicanos; Mia Couto; identidade e memória.

O Corpo do Outro, a Voz de Si: Identidade, Oralidade e Racismo em “As Mãos dos Pretos”, de Luís Bernardo Honwana

Yve Almeida Leão (UFPB)

A oralidade é, de fato, um valor civilizatório fundamental nas culturas afro-brasileiras. Ao valorizar a tradição oral, não apenas celebramos a herança cultural africana, mas também proporcionamos um espaço para que identidades sejam afirmadas e reconhecidas. Dessa forma, propomos o presente trabalho para analisar a importância da tradição oral na busca da identidade negra a partir do conto “As Mãos dos Pretos”, da obra *Nós matamos o Cão Tinhoso* (1964), de Luís Bernardo Honwana. Optamos pela abordagem teórico-crítica ao analisar o conto proposto, articulando as reflexões de Grada Kilomba em *Memórias da Plantação* (2019), trazendo o conceito de outridade que engendra sofrimento psíquico e alienação e que marca o corpo desse “outro” a partir do racismo sofrido pelo personagem principal do conto; os ensinamentos de Amadou Hampâté Bâ, em *A Tradição Viva* (2010), sobre a tradição oral africana, e as proposições de Leda Maria Martins, em *Afrografias da Memória* (1997), nos auxiliarão a compreender o percurso do personagem principal na busca para entender a sua identidade enquanto pessoa negra. No decorrer da análise, destacaremos o papel central da oralidade na constituição das culturas africanas e afro-diaspóricas, especialmente na resignificação de identidades sob contextos de opressão. Buscaremos evidenciar como a oralidade no conto desafia as narrativas coloniais e resgata a identidade negro-africana. Compreendemos que a análise do conto “As Mãos dos Pretos” nos revela que a oralidade não é apenas um meio de comunicação, mas também uma prática de memória coletiva e resistência.

Palavras-chave: Literatura moçambicana; identidade negra; oralidade.

Oralidade e escrita em *De rios velhos e guerrilheiros*, de José Luandino Vieira

Jacqueline Kaczorowski (Professora associada na Sichuan University of Science and Engineering – SUSE/China)

A obra *De Rios Velhos e Guerrilheiros*, prometida trilogia da autoria de José Luandino Vieira, é composta por entrelaçamentos complexos de elementos colhidos tanto do universo da oralidade quanto daquele da escrita. Convocando as mais diversas matrizes de pensamento e elaboração estética de seu território de eleição, o autor arquiteta uma trama textual repleta de desafios ao leitor, decorrentes sobretudo de uma forma que, enredada no repertório da cultura oral, tece um diálogo intenso e criativo com seus pressupostos. A construção linguística complexa é capaz de, ao mesmo tempo, recuperar tradições de alguns grupos nativos – arrancadas ao conformismo, “que está na iminência de subjugar-la[s]”, para evocar

Walter Benjamin (apud LÖWY, 2005: 65) – e reinventá-las, ao misturá-las com recursos formais de escrita contemporânea. A contaminação entre as matrizes de pensamento e expressão, que se transformam mutuamente, realiza esteticamente um salto dialético de recuperação do passado em direção ao futuro, sugerindo que, dada a impossibilidade de restaurar uma suposta harmonia anterior ao tempo colonial, transformar elementos tradicionais e linguagens pode ser maneira arrojada e propositiva de lidar com heranças violentas. O objetivo da comunicação é demonstrar aspectos dessa estruturação artística recorrendo a alguns exemplos textuais da obra.

Palavras-chave: Literatura angolana; *O livro dos rios*; *O livro dos guerrilheiros*.

Entre mares e ecos: diálogos poéticos entre Duan Kissonde e Sónia Sultuane

Mucane do Nascimento Silva (UFPB)

Este trabalho tem como objetivo analisar as poéticas afro-diaspóricas de Duan Kissonde e Sónia Sultuane, com ênfase nos elementos simbólicos da água e da ancestralidade como meios de resgate histórico, reconstrução identitária e resistência às narrativas coloniais. Justifica-se a pesquisa pela urgência de tensionar o cânone literário tradicional, destacando produções que emergem de perspectivas até então silenciadas pela literatura hegemônica ocidental. A escolha dos autores, provenientes do Brasil e de Moçambique, permite examinar dois contextos históricos distintos da diáspora africana, observando como o Atlântico e o Índico marcam poeticamente essas trajetórias. A metodologia adotada baseia-se na análise textual e comparativa de poemas selecionados das obras *Água de Meninos* (2020), de Kissonde, e *O Lugar das Ilhas* (2021), de Sultuane, à luz de reflexões teóricas e críticas literárias voltadas à literatura negra e à estética diaspórica. Como referencial teórico, foram fundamentais os pensamentos de Stuart Hall (2009), acerca da diáspora e da articulação identitária; de Aimé Césaire (2020), sobre os efeitos da colonização e de Hampâté Bâ (2010), que discute o poder criador da palavra nas culturas orais africanas. Além disso, os estudos de Roland Walter (2017) sobre o território como sujeito histórico e os de Leda Martins (2003) sobre a performatividade e oralidade na cultura negra ofereceram suporte para compreender a linguagem poética como resistência epistêmica. Ambas as obras configuram-se como atos políticos e poéticos de resignificação cultural, reforçando o valor da literatura negra como ferramenta de reconstrução histórica, afirmação de identidades e subversão das estruturas coloniais.

Palavras-chave: memória; ancestralidade; diáspora negra

Rezas, cantos e chão rachado: rastros da escravidão sob o sol do Gurutuba

Dinamor Chicarelli do Nascimento (IFNMG-Campus Avançado Janaúba)

A presente proposta de comunicação tem por objetivo apresentar um recorte de pesquisa sobre as origens dos quilombos da região do Gurutuba, no norte de Minas Gerais, com ênfase nas práticas culturais ligadas à memória oral de seus moradores. O estudo se concentra nos relatos sobre rezas, cantos e penitências realizadas como forma de súplica por chuva em períodos de estiagem. Entre as práticas narradas, destaca-se o ato de rezar em frente ao antigo cemitério dos escravizados, na crença de que tal gesto poderia contribuir para o fim da

seca. A pesquisa utiliza metodologia qualitativa, com base na história oral e na etnografia, a partir de entrevistas com anciãos da comunidade. Os referenciais teóricos dialogam com autores como Paul Ricoeur (2007), Stuart Hall (1996) e Aderval Costa Filho (2008), articulando memória, cultura e resistência. A proposta visa contribuir para a valorização dos saberes tradicionais e para o reconhecimento da diversidade cultural dos quilombos do semiárido mineiro.

Palavras-chave: quilombos; memória oral; religiosidade; seca; Gurutuba.

Cartografia De Um Corpo-Insular: Análise Transatlântica Do Poema “Saudade”, Da Poeta Cabo-Verdiana, Helena Furtado

Fabiane Marques da Silva (UFPB)

O presente trabalho tem como objetivo realizar uma análise transatlântica do poema “Saudade”, da poeta cabo-verdiana, Helena Furtado, presente no livro *Di vos di mudjer pa humanidade* (2022), sob a ótica do conceito de “oralitura”, elaborado pela intelectual negra-brasileira, Leda Maria Martins (2020), a fim de apreender, nas curvas sinuosas da memória e do exercício de autocriação poética, a reconstrução de um corpo-insular estilizado pelo sistema colonial. No poema, a poeta rememora a terra natal e cartografa, no texto poético, um corpo-ilheu que é memória e território, feito de sons, sabores, aromas e histórias que habitam a corporeidade da voz e dos gestos de mulheres pertencentes ao arquipélago de Cabo Verde. Seja na melodia da “Morna rica sussurrada” (Furtado, 2022) ou do “criolo conversado” (Furtado, 2022), como no “bom aroma da cachupa” (Furtado, 2022), comida tradicional cabo-verdiana, nas palavras de Martins (2020, p. 107) trata-se de “um corpo que cose e emana aromas”, no qual “os sujeitos e as formas artísticas que daí emergem são tecidos de memória, escrevem história”. De acordo com Inocência Mata (2010), a poesia do arquipélago traduz uma leitura voltada de forma bem específica para se entender o legado cultural dos povos insulares. Nesta perspectiva, a seguinte pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa tem como aporte teórico em Mata (1995, 2010) e Martins (2020).

Palavras-chave: Literatura cabo-verdiana; poesia africana feminina; oralitura; memória; insular.

A oralidade e o contexto pós-conflito angolano na obra *A Bicicleta Que Tinha Bigodes*, de Ondjaki

Maria Vitória da Paixão Rodrigues (UFPB)

O presente trabalho tem como objetivo analisar a oralidade e o contexto de pós-conflito angolano na obra *A bicicleta que tinha bigodes* (2011), de Ondjaki. Escritor nascido em Luanda em 1977, Ondjaki constrói sua narrativa a partir de uma perspectiva infanto-juvenil, revelando, de forma sutil, as marcas da guerra civil na vida cotidiana. O livro apresenta uma Angola em reconstrução, onde a escassez de água e energia elétrica, os silêncios e os encontros ao redor da palavra criam espaços de memória e resistência cultural. A oralidade, elemento central na literatura angolana, aparece como forma de preservar tradições e fortalecer laços comunitários, sobretudo nas cenas em que, durante os apagões, os personagens se reúnem para contar histórias. A Avó Dezanove e o Tio Rui assumem papéis

próximos ao griot, guardiões das narrativas, enquanto a criança protagonista ganha voz e protagonismo, reinventando a tradição ao se tornar sujeito da própria história. A análise apoia-se em autores como Vansina (1982), Pinto (2017), Padilha (1995) e Sandl (2013), que discutem oralidade, ancestralidade e identidade no contexto literário angolano. Observa-se que a obra recria, pela leveza da infância, um espaço de esperança e resistência em meio às cicatrizes do conflito, valorizando a memória coletiva e a força criativa da palavra. Assim, Ondjaki constrói uma literatura que articula memória, oralidade e experiência histórica, ressignificando o cotidiano angolano a partir de uma perspectiva poética.

Palavras-chave: Memória; infância; comunidade.

A oralidade como estratégia de reivindicação da identidade cultural angolana em *Quantas madrugadas tem a noite*, de Ondjaki

Cleonice Aparecida Machado de Freitas (PUC Minas/CNPq)

Este trabalho analisa o romance *Quantas madrugadas tem a noite*, de Ondjaki, com o objetivo de compreender de que maneira a oralidade é mobilizada como estratégia de reivindicação da identidade cultural angolana no contexto pós-independência. A metodologia adotada é a análise literária, dialogando com aportes teóricos de Maingueneau (2016), Padilha (2007), Nora (1984) e Taborda (2005), para explorar as cenas de enunciação, a ancestralidade, os lugares de memória e a performance narrativa. Os resultados apontam que a narrativa não-linear, recheada de digressões, retomadas e múltiplas vozes, mimetiza as práticas orais africanas e tensiona as fronteiras entre memória individual e coletiva. Constatou-se que a construção simbólica da identidade angolana, dilacerada pelo colonialismo e pela guerra civil, é encenada por meio de uma escrita que preserva marcas orais, transformando a língua portuguesa — antes instrumento de dominação — em veículo de resistência e reconfiguração cultural. Conclui-se que a obra de Ondjaki não apenas resgata tradições ancestrais, mas também atualiza práticas narrativas performáticas, fazendo da literatura um espaço de negociação simbólica, no qual cada digressão e adiamento de sentido enriquece a densidade simbólica do texto. Assim, *Quantas madrugadas tem a noite* configura-se como uma poderosa metáfora de um povo que recusa enterrar sua história, antes optando por narrá-la, reinscrevendo-a no coração coletivo de sua memória.

Palavras-chave: oralidade; identidade cultural; memória; narrativa angolana; Ondjaki.

A preservação da identidade cultural nos textos de Aníbal Simões

Fineza Manuel Domingos (ISPAJ/Angola)

A literatura africana de língua portuguesa tem desempenhado um papel importante na preservação das memórias coletivas e das identidades culturais que, ao longo da história, muitas vezes foram deixadas de lado. Este artigo teve como objectivo analisar a preservação da identidade cultural angolana nas obras de Aníbal Simões. Para isso, utilizamos uma abordagem qualitativa, baseada em pesquisa bibliográfica e interpretação dos textos. Nosso foco foi identificar os elementos da tradição oral presentes nas obras *Memória de uma Cuvala*

e o Feitiço da Rama da Abóbora, e entender como esses elementos contribuem para a memória colectiva e a construção da identidade. Além disso, o estudo mostra como Aníbal Simões transforma a literatura em um espaço de resistência cultural, valorizando as línguas nacionais e mantendo vivo um arquivo de valores onde o passado colectivo é resgatado e valorizado, mesmo diante dos desafios da modernidade.

Palavras-chave: Literatura angolana; oralidade; memória; identidade cultural; tradição.

Tudo é história: contos de São Tome e Príncipe e a literatura de Olinda Beja

José Welton Ferreira dos Santos Junior (UNEB)

Esta comunicação apresenta uma leitura crítica da obra "Contos de São Tomé e Príncipe: Histórias da Avó Flindó" (2023), de autoria de Olinda Beja. Para tanto, serão abordadas as relações entre história e literatura, considerando que os textos inseridos na obra, ao apresentarem aspectos da cultura santomense, reiteram uma profunda ligação com as experiências sócio-históricas das comunidades locais (SILVA, 2022). Dessa maneira, Beja, como uma narradora atenta ao repertório das narrativas orais, reinventa, no plano textual, histórias que mobilizam signos, multiplicando seus sentidos na passagem da oralidade à escrita. Legatária do acervo das oralidades locais, Olinda Beja inscreve sua literatura na continuidade, inclusive geracional, dos contos oriundos da oralidade que constituem a cultura santomense. Destacam-se, nesse movimento, personagens não humanos que promovem encontros relacionais cujas historicidades têm sido interrogadas pelos estudos multiespécies (DOOREN et al., 2016), campo no qual as fronteiras entre a natureza e cultura são tensionadas no interior das humanidades, fazendo emergir, desse cenário, o interesse pelas histórias que emaranham as diferentes formas de vida por meio de narrativas e compartilhamentos. Se do ponto de vista de uma concepção ocidental e colonialista, a natureza se converte em recurso a ser dominado e explorado; na textualidade de Beja, fundada nos saberes e nas oralidades de São Tomé e Príncipe, os signos não humanos - floresta, roças e tubarões – possuem agência, tornando-se fundamentais para a compreensão das relações históricas das populações locais (MATA, 2015).

Palavras-chave: História; São Tomé e Príncipe; contos; não humanos

SIMPÓSIO 9

ESCRITAS DE MULHERES

COORDENAÇÃO:

SARA JONA LAISSE (UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MOÇAMBIQUE)

LUCIANA GENEVAN DA SILVA DIAS FERREIRA (SEE-MG/SE-JUIZ DE FORA/BRASIL)

O corpo negro feminino presente na poética de Énia Lipanga

Laura Aparecida Coimbra Martins (UFF)

A presente comunicação se dedica ao estudo e discussão da literatura moçambicana produzida pela poetisa e produtora cultural Énia Wa Ka Lipanga.

Buscaremos analisar os poemas lançados em duas coletâneas denominadas Ensaio da Partida (2023) e Para Enxugar as Nódos dos Meus Olhos (2021). Dessa maneira, partindo da hipótese que oralidade não é apenas palavra, mas também gesto e performance corporal, a comunicação irá analisar os poemas de Lipanga que são constituídos de diferentes atravessamentos da sujeita poética e que, de certa forma, contribuem para reconstrução cultural e de novas memórias. Por meio das palavras, subjetividade e performance, o objetivo principal partirá da ideia de construção do corpo feminino ao longo dos poemas. Ademais, além de abrirmos espaço para uma nova voz moçambicana, também construímos a ideia de que coletividade e memória não podem ser trabalhadas separadas, uma vez que se entende o corpo como documento de testemunho e instrumento de voz. Para isto, faremos uso de conceitos teóricos voltados para a simbologia do corpo negro feminino, utilizando Chiziane (2006), Evaristo (2020), Fanon (2005), Ferreira (1976), Martins (2021) e Santiago (2020).

Palavras-chave: Corpo negro; literatura moçambicana; escritora negra.

Corpo-território: a travessia do feminino nas obras de Ana Paula Tavares

Maria Eduarda de Melo Paulino (UFPB)

Wesley Barbosa Rosendo (UFPB)

Franciane Conceição da Silva (UFPB)

Este artigo propõe uma leitura crítica das obras Amargos como os frutos (2010) e Um rio preso nas mãos (2019), da escritora angolana Ana Paula Tavares, com foco na fragmentação da subjetividade feminina negra marcada pela experiência colonial e pela permanência de estruturas patriarcais. A partir da noção de corpo-território, compreendido como espaço simbólico de resistência e inscrição de memórias, busca-se investigar como a autora constrói, por meio da poesia e da crônica, um discurso que reinscreve o feminino na história e na cultura angolana, sendo a sua escrita atravessada por memórias ancestrais, ritos, provérbios e práticas que resgatam saberes tradicionais e reelaboram a identidade das mulheres a partir

da escuta de suas próprias narrativas. O artigo ancora nos aportes teóricos como Inocência Mata (2007), Oyèrónké Oyewùmí (2021), Carla Akotirene (2019), bell hooks (2019) e Conceição Evaristo (2009) refletindo sobre a articulação entre literatura, memória, gênero e identidade. Por fim, mobiliza-se o conceito de escrevivência, compreendido como uma escrita enraizada na experiência e na coletividade, para analisar a construção de uma poética do corpo e da memória que reposiciona a mulher negra como sujeito de sua própria narrativa e de sua própria história.

Palavras-chave: Corpo-território; subjetividade feminina; literatura angolana.

"Escrever com o corpo e a memória: a poética de Paula Tavares e a voz feminina africana"

Paula Ester Apolônia (FURG)

A produção poética de Paula Tavares configura-se como uma escrita de afirmação da subjetividade feminina africana e de valorização das memórias coletivas silenciadas pelo processo colonial. Nascida na região sul de Angola, a autora articula, em sua obra, elementos da tradição oral das sociedades bantu — especialmente da cultura Nyaneka-Nkhumbi — com uma linguagem literária que preserva os ritmos, imagens e rituais dessas comunidades. A sua poesia opera como um espaço de resistência simbólica, no qual o corpo feminino, a ancestralidade e os ciclos da natureza são revalorizados como formas de conhecimento e pertencimento. Ao escrever em língua portuguesa, mas convocando os sentidos, a oralidade e os gestos da cultura africana, Tavares reposiciona a escrita como instrumento de cura, escuta e reterritorialização da memória. Nesse sentido, sua obra contribui criticamente para os debates em torno da escrita de autoria feminina, das epistemologias do sul e da literatura africana contemporânea, inserindo-se em um campo discursivo que desafia hierarquias coloniais e propõe uma reconfiguração da história e da identidade a partir do feminino.

Palavras-chave: Paula Tavares; escrita feminina; oralidade; memória ancestral; literatura africana.

Corpo, terra e memória em *A louca de Serrano*, de Dina Salústio

Mayara Gonçalves (UNISUL)

Este trabalho propõe uma análise do romance *A louca de Serrano* (1998), da escritora cabo-verdiana Dina Salústio. O estudo investigará, a partir de uma perspectiva ecofeminista que reflete sobre as explorações lançada ao corpo feminino e à terra, como a narrativa evoca, por meio da ficção, a espiritualidade da terra e a resistência das mulheres frente à devastação ambiental — decorrente de legados coloniais e desigualdades sociais — que, atravessadas por múltiplas violências, subvertem os paradigmas convencionais do feminino e transitam entre a loucura e a clarividência, evidenciado pela personagem da Louca de Serrano. A partir das figurações simbólicas dos espaços narrativos, em especial da vila de Serrano — compreendida como uma entidade feminina e viva —, serão discutidos elementos animistas que estabelecem uma conexão entre corpo, terra e memória. Para sustentar a presente análise, serão utilizados as reflexões de Shiva (1993), que compreende a terra como um corpo-território e pensa o ecofeminino como uma dupla exploração lançada à terra e à mulher, Ferdinand (2022), que propõe uma ecologia decolonial que associa os impactos ecológicos aos ataques coloniais e

imperialistas, e Haraway (2016), que discute as relações entre os seres e ressalta a necessidade de uma responsabilidade ecológica e de formas alternativas de coexistência. Assim, este estudo objetiva reafirmar a potência das literaturas africanas insulares como espaços decoloniais de reimaginação ecológica, onde a terra e o corpo feminino emergem como protagonistas de resistência e reinvenção.

Palavras-chave: Cabo Verde; Dina Salústio; ecofeminismo; violência de gênero.

Identidade e resistência feminina na construção do estereótipo em *Sangue Negro*, de Noémia De Sousa

Deusemar Cardoso do Nascimento (Rede Municipal de Educação de Viçosa do Ceará e Tianguá/Brasil)

Este artigo analisa a obra *Sangue Negro*, de Noémia de Sousa, poeta moçambicana cuja escrita se destaca pelo teor político e pela força simbólica da identidade feminina africana. Por meio de uma lírica insurgente, a autora constrói representações da mulher que oscilam entre a opressão colonial e a resistência ativa. A abordagem teórica baseia-se nos estudos de identidade cultural na pós-modernidade (Hall, 2006), de memória e identidade social (Pollak, 1992) e na concepção de estereótipo como instrumento ambíguo (Bhabha, 1998). A obra é inserida no contexto das literaturas africanas de língua portuguesa, em especial no período de transição entre o colonialismo e a independência de Moçambique. O discurso poético evidencia a mulher como metáfora da pátria e como sujeito histórico, ativo no processo de construção nacional. A resistência feminina em **Sangue Negro** manifesta-se na quebra de estereótipos e na elaboração de uma identidade plural, baseada na memória coletiva, na denúncia da violência e na valorização da ancestralidade. A poesia de Noémia de Sousa propõe uma nova matriz de representação da mulher negra africana, resgatando sua dignidade e inscrevendo sua voz nos discursos de emancipação. A obra permite, assim, refletir criticamente sobre os processos de construção da identidade e os mecanismos de resistência cultural, articulando literatura, história e memória em uma perspectiva decolonial.

Palavras-chave: Noémia de Sousa; literatura africana; resistência feminina; identidade cultural; estereótipos.

“De onde eu venho”: Uma análise de “Do livro das viagens (caderno de Fabro)”, de Ana Paula Tavares.

Maria Julia da Paixão Antunes (UFRJ)

O presente trabalho tem como ponto de partida a reflexão provocada pelo documentário “Viver e escrever em trânsito: entre Angola e Portugal” (2021). A obra, que “questiona trânsitos – geográficos, culturais e metafóricos – ocasionados pelos ventos da História”, conforme destacado nos momentos iniciais do filme, narra, individualmente, os percursos pessoais e artísticos dos escritores Raquel Lima, Aida Gomes, Yara Monteiro, Kalaf Epalanga, Zetho Cunha Gonçalves e Ana Paula Tavares. A partir do depoimento de Ana Paula Tavares, neste trabalho, lanço um olhar especial para o deslocamento presente em sua obra, tomando

como referência o poema “Do livro das viagens (caderno de Fabro)”, publicado em Manual para amantes desesperados (2007).

Palavras-chave: Literatura angolana; poesia de autoria feminina; literaturas africanas de língua portuguesa.

Identidade cultural e diáspora em *Esse Cabelo*, de Djaimilia Pereira De Almeida

Victor Rafael Aguiar Fontenele (UESPI)

O romance *Esse Cabelo* foi lançado em 2015 pela angolana Djaimilia Pereira. A protagonista, Mila, atuando como alter-ego da própria autora, narra o árduo processo de autoconhecimento e aceitação de sua negritude. O presente trabalho busca analisar a formação da personagem Mila sob a perspectiva sociocultural. Pretendemos suscitar o papel da diáspora nesse processo, posto que os traços fenotípicos da personagem são próprios de sua terra natal (a Angola), mas sua cultura e imaginário são reflexos de Portugal, país para o qual evadiu com a família aos três anos. Adotando Hall (2006) como conceituador de “identidade cultural” e Homi Bhabha (1990), postulador da noção de “terceiro espaço”, buscamos discorrer sobre as escrituras da personagem-autora como forma de compreender a influência dos obstáculos socioculturais na sua busca pelas próprias raízes.

Palavras-chave: Identidade cultural; diáspora; autoficção feminina.

Entre a dor e a voz: a escrita de Paulina Chiziane como espaço de reconstrução identitária

Neuzenir Celestino Ferreira (SEE/MG)

Paulina Chiziane, por meio de sua obra, mergulha em dimensões sociais, simbólicas e subjetivas da experiência moçambicana, evidenciando um olhar atento às complexidades das memórias coletivas e às formas ancestrais de narrativa que atravessam gerações. Primeira mulher moçambicana a publicar um romance, inaugura um espaço fundamental na literatura nacional, resgatando e reinventando modos tradicionais de contar histórias. Este trabalho analisa o poema “Amor e Ódio”, no qual Chiziane representa o corpo feminino como espaço de exclusão e resistência, com uma linguagem crua e subversiva que rompe com padrões estéticos tradicionais. Estruturado em três partes, o poema expõe a degradação física, a exploração colonial e a reflexão crítica sobre a violência persistente e a reconstrução identitária no pós-colonialismo. A obra recusa uma estética convencional e idealizada, optando por uma linguagem áspera e direta, como na abertura: “Preciso de um lugar para aliviar este desconforto / Tenho diarreia, não tenho latrina nem penico”, a voz poética assume o corpo feminino em sua dimensão mais vulnerável, rompendo com a tradição literária que o silencia. Paralelamente, a estrutura tripartida revela uma progressão temática entre denúncia, resistência e reconstrução. Dessa forma, a produção literária de Paulina Chiziane configura-se como um significativo gesto de resistência cultural, pois a sua obra contribui para a ampliação das discussões acerca das relações de poder e das dinâmicas identitárias em contextos pós-coloniais.

Palavras-chave: Paulina Chiziane; desconstrução estética; pós-colonialismo.

Rastros de memória: escrita feminina, trauma e identidade em tempos de guerra

Junia Paula Saraiva Silva (UNIFENAS/FETA)

Este trabalho investiga a escrita de mulheres como espaço de elaboração de traumas individuais e coletivos em contextos atravessados por guerras e apagamentos históricos. A análise centra-se nas obras de Deolinda Rodrigues, guerrilheira da luta de libertação de Angola, e Scholastique Mukasonga, sobrevivente do genocídio de Ruanda. Ambas constroem, por meio de diários e narrativas autobiográficas, formas de resistência e cuidado de si, conforme proposto por Michel Foucault. A escrita emerge como um recurso terapêutico e político que permite confrontar experiências traumáticas, transformar a dor em linguagem e reconstituir a subjetividade diante das perdas. Ao recorrerem à língua do colonizador — o português e o francês —, as autoras ressignificam essa ferramenta histórica de opressão, utilizando-a como meio de reconstrução de si e de suas comunidades. A pesquisa dialoga com autoras como Virginia Woolf, Jeanne Marie Gagnebin e bell hooks para refletir sobre os silenciamentos de gênero, raça e classe que atravessam a produção literária feminina, especialmente em contextos africanos. As obras analisadas propõem a escrita como um “teto todo seu” simbólico, onde a memória pode ser acolhida e elaborada. Assim, a literatura produzida por essas mulheres ultrapassa o testemunho individual: torna-se legado coletivo, ferramenta de denúncia e possibilidade de cura. Escrever, nesse contexto, é não só recordar, mas impedir o esquecimento de feridas históricas ainda abertas.

Palavras-chave: Escrita feminina; trauma; memória; rememoração; cuidado de si.

Memória colonial e ecossistema narrativo: o sujeito histórico em *A Visão das Plantas*, de Djaimilia Pereira de Almeida

Floriza de Souza Fernandes (Universidade Estadual de Campinas)

Este trabalho propõe analisar como a obra *A Visão das Plantas* (2019), de Djaimilia Pereira de Almeida, constrói ficcionalmente um sujeito histórico que representa a condição ultramar portuguesa (Thomaz, 2002), situando-se no contexto da literatura pós-colonial de língua portuguesa. Através da figura do Capitão Celestino, inserido num ecossistema intimista — o seu jardim —, a narrativa elabora uma reflexão estética sobre o passado colonial e suas reverberações na memória do protagonista. A análise parte do conceito de polissistema de Even-Zohar (2017), que permite compreender as intersecções entre as literaturas portuguesa e africanas de língua portuguesa, contexto no qual a produção de Almeida se insere. Seguindo Mata e Lugarinho (2021), com base em Franchetti (2002), considera-se que determinadas narrativas operam como um “ensaio” de retorno à história literária, não com foco exclusivo no fato literário, mas na corrosão e redefinição do cânone. Nesse sentido, *A Visão das Plantas* recorre à pós-memória para tensionar a tradição literária: as lembranças do protagonista, um ex-pirata envolvido no tráfico de negros escravizados, reaparecem no presente através de seu contato silencioso com as plantas que cultivava — seres vivos que, indiferentes ao sofrimento humano, o observam sem esboçar por Celestino qualquer condolência: “As plantas viam o jardineiro como as plantas vêem. Não se sentiam agradecidas” (ALMEIDA, 2019, p. 35).

Palavras-chave: Djaimilia Pereira de Almeida; pós-memória; condição ultramar; polissistema; ecossistema narrativo.

No ritmo do tambor da ancestralidade: *Niketche*, de Paulina Vhiziane

Inaldo Da Rocha Aquino (UFPB)

Sávio Roberto Fonseca De Freitas (UFPB)

O resumo apresentado é parte parcial da tese de doutorado vinculada ao PPGL – UFPB, e traz como foco uma análise do romance *Niketche: Uma história de poligamia* (2022), de Paulina Chiziane. Os batuques do tambor, na narrativa africana, evocam não apenas a dança, mas também histórias de ritos que atravessam uma memória ancestral (re)apresentada pela ficção. *Niketche: Uma história de poligamia* (2022), é um romance que incorpora camadas desses ritos, entrelaçados ao ritmo das danças e da tradição moçambicana. Ao retomar a ancestralidade manifestada no feminino, especialmente por meio dos ritos de iniciação, este trabalho propõe uma leitura da obra de Chiziane a partir de recortes dos rituais presentes na narrativa. O objetivo é ampliar o olhar sobre o romance, que, ao abordar a poligamia, expõe uma série de rituais e deslocamentos entre o Sul e o Norte de Moçambique – elementos fundamentais para compreender a problemática inicial e a complexidade da trama. Para isso, examinaremos aspectos culturais e ritos tradicionais que rompem com a ideia de um país homogêneo, revelando o papel desses rituais nos movimentos circulares de uma sociedade sustentada por tradições e princípios frequentemente ignorados ou desconhecidos. Nesse contexto, a voz feminina é um elo com as origens ancestrais, evocando o “Deus mulher e negra” para, juntas, dançarem ao chamado do tambor da ancestralidade.

Palavras-chave: Rituais; ancestralidade; tradição moçambicana no feminino; Paulina Chiziane.

O *Diário de Deolinda Rodrigues*: documento de uma luta que não cessa

Marcelo Brandão Mattos (UERJ)

O texto propõe, a partir da leitura de fragmentos do “Diário de um Exílio Sem Regresso”, relato íntimo da guerrilheira e escritora angolana Deolinda Rodrigues, uma reflexão sobre a luta da mulher africana em meio às lutas por liberdade, dignidade e cidadania persistentes na História do continente. Como fundamentação teórica, são utilizadas obras de base de renomados pensadores pós-coloniais, como Homi Bhabha, Boaventura de Sousa Santos, Walter Dignolo, Néstor Canclini, Gayatri Chakravorty Spivak e Desmond Tutu. Objetiva-se, com o trabalho, destacar a trajetória de Deolinda, expressa em seus relatos, como evidência de uma condição de subalternidade imposta às mulheres africanas, que ainda lutam por liberdade.

Palavras-chave: Literaturas africanas de língua portuguesa; feminismo africano; Deolinda Rodrigues; diário íntimo.

Escrita de Mulheres nas Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e nas Literaturas Indígenas no Brasil

Ananda Machado (UFRR)

A Escrita de Mulheres nas Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e nas Literaturas Indígenas no Brasil aborda temáticas muitas vezes similares. Vamos colocar em diálogo obras que denunciam a violência contra as mulheres e que colaboram para minimizá-la e curar as

feridas causadas pelo patriarcado e pela colonização. As literaturas de Paulina Chiziane e Eliane Potiguara serão as principais referências. E nas discussões teóricas incluiremos bel hooks e Silvia Casicanqui, abordando desde a intolerância religiosa presente em Ngoma Yetu, até, com análise interseccional, as violências sofridas pelas mulheres personagens das obras *Metade Cara Metade Máscara*.

Palavras-chave: Mulheres; literaturas; africanas; indígenas.

Entre Suhura e a cobra verde: as condições de morte e vida na obra de Lília Momplé

Letícia Maria dos Santos Neves (USP)

A presente comunicação tem por escopo analisar as obras *Ninguém matou Suhura* e *Os olhos da cobra verde*, de Lília Momplé, em um viés comparativo entre literatura, história e sociedade, considerando o conceito do materialismo histórico, conforme discutido por autores como Amílcar Cabral, e sua adequação aos períodos pré e pós-Independência em Moçambique. A partir dos contos selecionados, busca-se identificar de que forma as condições materiais impostas pelos sistemas políticos segmentaram a população civil e concretizaram a violência, a miséria e o medo. Para tanto, é necessário evidenciar as estratégias utilizadas pelo Estado português — como o trabalho forçado, a violência simbólica e as políticas de assimilação — para dominar e colonizar efetivamente os negros moçambicanos e, após a independência, como o governo FRELIMO e a guerra civil contra a RENAMO mantiveram a situação de fragilidade econômica e as ameaças à integridade física e às condições materiais de existência dos cidadãos. Enfim, através da leitura crítica sobre personagens, ambientação e foco narrativo, será analisada a relação entre a forma literária e o conteúdo sócio-histórico.

Palavras-chave: literatura moçambicana; Lília Momplé; materialismo histórico; colonialismo; pós-Independência

Habitar a palavra: noções de língua em Hirondina Joshua

Talita Oliveira da Silva (Professora/Produtora de conteúdos digitais)

A presente comunicação propõe uma leitura da obra *Os ângulos da casa*, da poeta moçambicana Hirondina Joshua, tendo como foco de análise as diversas concepções de língua tanto como parte constituinte do corpo quanto como “primeiro lápis da escrita poética / língua, objeto espiritual que exalta o Ser”, como a própria autora a define. A partir dessas noções, Hirondina reconstrói pertencimentos e identidades por meio de uma escrita poética que é também refúgio e resistência. Nesse sentido, dialoga com outras produções literárias de mulheres africanas, que utilizam a palavra como lugar de habitação e reinscrição do mundo. Assim, a comunicação discute como a língua se torna morada — corporal, política e afetiva — e espaço de (re)existência para vozes femininas nas literaturas africanas contemporâneas.

Palavras-chave: espacialidade; corpo; escrita.

Lendo gerações: literatura de mulheres moçambicanas

Teresa Maria Alfredo Manjate (Universidade Eduardo Mondlane/Moçambique)

A literatura escrita em Moçambique tem uma história recente. Se se quiser referir mais especificamente a literatura escrita por mulheres tem uma história ainda mais recente, sendo que coincide, de maneira geral, com a data da publicação dos primeiros poemas de Noémia de Sousa, 1940. Há marcos importantes para a leitura dos contextos e dos textos, sendo o mais importante 1975, ano da independência, marco histórico importante para Moçambique. Neste ano, as escritoras Noémia de Sousa, Paulina Chiziane e Lica Sebastião teriam 49, 20 e 12 anos. Assim, a realidade circundante e as experiências vividas, nomeadamente a colonização e as suas consequências no dia-a-dia dos moçambicanos, variam de geração para geração. E este facto tem reflexos no imaginário e consequentemente na escrita literária. Seleccionámos das autoras em estudo poemas com temas recorrentes sobre a cidade e memórias, como traços comuns às escritoras e que permitem visualizar os imaginários subjacentes. O presente artigo pretende fazer uma análise comparativa a nível temático e discursivo dos textos produzidos por escritoras de gerações distintas, como ficou acima referido. Estas escritoras, cada uma a seu modo deixa registado na sua produção literária visões diferenciadas do mundo, adoptando estratégias discursivas singulares. Que semelhanças? Que diferenças?

Palavras-chave: Literatura, afirmação, gerações

“Sois deusa!”: O Mulherismo Africana na poética afro-moçambicana em Fina (a fina), de Deusa D’África

Gabriel Alves da Silva (UNISC)

Rafael Aranha de Sousa (UNISC)

Nossa proposta é analisar o poema Fina (a fina), da escritora moçambicana Deusa d’África, encontrado no livro A Voz das Minhas Entradas (2014). Como fundamentos para nossos estudos, respaldamo-nos no pensamento crítico de Clenora Hudson-Weems (2020) acerca do mulherismo Africana, de Paulina Chiziane (2014) acerca da escrita de mulheres em Moçambique, de Sónia André (2023) sobre estudos da mulher moçambicana e de Sávio Freitas (2024) sobre a escritora Deusa d’África. A escrita de Deusa traz, entre outras temáticas, a representação feminina como faces da (re)existência e resistência e do mulherismo afro-moçambicano de que trata as condições das mulheres nesse território.

Palavras-chave: mulherismo africana. mulher afro-moçambicana. Deusa d’África.

Deusa D’áfrica - A escatologia como estética de resistência em Metamiserismo

Silvio Ruiz Paradiso (UFGD)

Este trabalho propõe uma análise das imagens escatológicas presentes na obra Metamiserismo (Alcance, 2024), de Deusa D’África, em parceria com Dom Midó das Dores, com foco na função estética e política dessas imagens no contexto da literatura moçambicana contemporânea. O estudo parte da hipótese de que o grotesco — manifestado por meio de

figuras de linguagem centradas no corpo, no sangue e em elementos coprológicos — constitui uma forma de resistência simbólica e de crítica às estruturas de poder. O objetivo principal é compreender como essas imagens operam como alegorias do devir-limite, revelando processos de fragmentação identitária em contextos de desintegração social e política. A metodologia adotada baseia-se na análise qualitativa de poemas selecionados da antologia mencionada, articulando fundamentos teóricos da crítica literária, especialmente os estudos do grotesco, da escatologia e das teorias pós-coloniais. A análise busca identificar os mecanismos pelos quais a linguagem visceral de Deusa D'África constrói uma estética transgressora, capaz de provocar desconforto e reflexão, funcionando como denúncia da precarização da existência humana. Espera-se, assim, demonstrar que a escatologia, longe de ser mero recurso de choque, opera como ferramenta crítica e poética de alto potencial disruptivo.

Palavras-chave: escatologia; grotesco; resistência; Deusa D'África; literatura moçambicana.

“Difícil é encontrar-me”: o ser mulher moçambicana em Abalroamento, de Deusa D'África

Rafael Aranha de Sousa (UNISC)

A comunicação propõe estudar a experiência do ser mulher moçambicana na poesia da escritora moçambicana Deusa d'África intitulada Abalroamento que compõe a obra A voz das minhas entranhas (2014). Baseamos nosso estudo nos questionamentos provindos do Mulherismo Africana, de Cleonora Hudson-Weems (2020) e do testemunho Eu, mulher... por uma nova visão de mundo, da também escritora moçambicana Paulina Chiziane (2013). A poesia revela as nuances da mulher afro-moçambicana diante das diversas formas de conviver com a visão de mundo padronizante de como ser uma mulher, desvendando as antíteses da vivência feminina em um intenso encontrar-se e perder-se consigo mesma em suas entranhas.

Palavras-chave: Deusa d'África; Mulherismo africana; mulher moçambicana.

A língua da mulher: representatividade geminina negra em Deusa D'África

Maria Jayline Pereira da Silva

Cíntia Acosta Kütter (Universidade Federal Rural da Amazônia, campus Tomé-Açu)

A presente pesquisa pretende discutir a representação do ser mulher negra no poema A língua da mulher, de Deusa d'África, uma vez que trata-se de uma textualidade que ecoa a resistência, o canto e a subjetividade feminina. Ademais, busca-se também debater sobre o processo criativo da literatura moçambicana de autoria feminina enquanto um espaço de resistência e sobrevivência negra. Dessa forma, a metodologia compreende uma pesquisa básica, de procedimento técnico bibliográfico e abordagem qualitativa, pautando-se nos estudos de Oyěwùmí (2002) e hooks (2020) sobre as representações da mulher negra na literatura africana; e Manjate (2020) e Anzaldúa (2000) acerca do processo de escrita poética. Almeja-se, então, a partir dessa pesquisa discutir as personificações da ancestralidade feminina presentes no poema supracitado, bem como refletir sobre o processo de escrita da

literatura africana de língua portuguesa como forma de reconstrução de epistemologias e (re)construção identitária.

Palavras-chave: Literatura moçambicana; autoria feminina negra; representatividade; Deusa d'África.

Hoje apetece-me existir: insubmissão e afirmação do eu feminino em Deusa D'África.

Pablo Rodrigo da Silva Martins (IFPI)

Esta comunicação propõe uma análise do poema “Hoje apetece-me”, da escritora moçambicana Deusa D'África, a partir da construção de um eu lírico feminino que se enuncia de forma ativa, autônoma e sensualmente insurgente, afirmando-se como sujeito de desejo e de saber. O objetivo é compreender como a poesia atua como espaço de epistemologia insubmissa, em que o corpo feminino negro se transforma em território de enunciação e potência. O referencial teórico ancora-se no pensamento de Patricia Hill Collins (2009), sobretudo em sua formulação sobre epistemologia feminista negra, que legitima o conhecimento produzido a partir das experiências corporificadas de mulheres negras; em Oyèrónké Oyěwùmí (2011), que problematiza a colonialidade do gênero nas estruturas sociais africanas e propõe outras formas de entendimento sobre corpo e subjetividade; e em bell hooks (2016), cuja obra articula saber, prática e resistência a partir de uma perspectiva feminista negra crítica, enfatizando a importância do corpo, do desejo e da liberdade como formas de insurgência. Como metodologia, adota-se uma abordagem qualitativa interpretativa, com base na análise textual e simbólica do poema, articulada ao aparato crítico das teorias decoloniais e feministas africanas. Observa-se que o poema instaura uma poética do desejo que desloca o olhar patriarcal-colonial e reposiciona a mulher negra como criadora, sensível e politicamente consciente de si. Assim, propõe-se que “Hoje apetece-me” opera como gesto de resistência estética, em que o erotismo e o afeto deixam de ser objetos e tornam-se epistemologias poéticas de libertação.

Palavras-chave: Deusa D'África; feminismo negro; enunciação insubmissa

Ecofeminismo Afroçambicano: A presença da lua em poemas de Cães à estrada e poetas à morgue, de Deusa d'África

Joranaide Alves Ramos (UFPB)

Sávio Roberto Fonseca de Freitas (UFPB)

Ecofeminismo afroçambicano é uma perspectiva teórica que relaciona justiça ambiental, questões de gênero e ancestralidade moçambicana. Para tratar sobre este viés que concebemos, selecionamos dois poemas de Deusa d'África de sua coletânea Cães à estrada e poetas à morgue (2022). Neles, é possível estabelecer uma íntima relação entre mulheres e lua, mostrando como o ciclo lunar pode ser associado ao feminino e como mulheres podem ser resistentes e resilientes, mesmo em contextos adversos. Para isso, nos embasamos, principalmente, em Brandão (2003), Alaimo (2000) e Eliade (2008). Por meio da relação

estabelecida entre mulheres e lua, compreendemos como a poesia de Deusa d'África está enraizada com a perspectiva ecofeminista afroinoçambicana, propondo artisticamente a reconexão entre humanos e mais-que-humanos.

Palavras-chave: Deusa d'África; ecofeminismo afroinoçambicano; lua.

A poesia em canto de Olinda Beja

Kleyton Ricardo Wanderley Pereira (UFRPE)

Este trabalho analisa a produção poética da escritora santomense Olinda Beja, com foco nas tessituras temática e estilística que configuram sua voz lírica singular no contexto das literaturas africanas de língua portuguesa. Por meio da leitura crítica de poemas e obras selecionadas, destaca-se como a autora constrói, através da oralidade, da musicalidade e da memória, um espaço poético enraizado na experiência afetiva e ancestral das ilhas de São Tomé e Príncipe. Além disso, observa-se de que forma temas recorrentes — como a infância, o exílio, o amor, a insularidade, a natureza e a ancestralidade — emergem em versos marcados por uma linguagem sensorial, imagética e em profundo diálogo com a identidade cultural e a tradição literária da ilha de nome santo, para usar a expressão de um dos livros do poeta Francisco José Tenreiro. Para tanto, são utilizados como referenciais os trabalhos de Mata (2010), Duarte e Pereira (2018), Pereira (2015), Martins (2019) e Queiroz (2007, 2011). Nesse sentido, conclui-se que a poesia de Olinda Beja se configura como um canto de pertencimento e resistência, entrelaçando dimensões pessoais e coletivas na evocação de um território físico e simbólico, marcada pela subjetividade feminina, reafirmando o valor de sua escrita como expressão de identidade, memória e canto.

Palavras-chave: Olinda Beja; diáspora; literatura de São Tomé e Príncipe.

Histórias de mulheres e desejos de revolta em Mornas eram as noites, de Dina Salústio

Sabrina Ferraz Fraccari (Universidade Federal de Santa Maria)

A presente proposta de comunicação oral tem como objetivo refletir sobre a construção das personagens femininas em três contos de Mornas eram as noites (1994), da escritora cabo-verdiana Dina Salústio: “Liberdade adiada”, “Foram as dores que o mataram” e “A oportunidade do grito”. Nessas narrativas, as personagens femininas criadas pela autora têm as trajetórias marcadas pela violência de gênero, seja ela física, psicológica ou simbólica, ligada à influência do patriarcado na sociedade cabo-verdiana, e maneira pela qual a dominação masculina se mantém. A violência, no entanto, não resigna as personagens, que clamam por liberdade mesmo em contextos adversos, e questionam as imposições patriarcais responsáveis por lhes definir a vida. Há, dessa forma, um desejo de revolta, de viver outra experiência não mais imposta pela dominação masculina e sustentada pelas violências sofridas, desejo esse que perpassa as narrativas analisadas. Assim, ainda que a realidade e a submissão imposta às mulheres oprimam e esmaguem sonhos, as personagens femininas de Dina Salústio encontram — em si e naquelas que as rodeiam —, forças para enfrentar a violência que as coage e impede de viver outra realidade.

Palavras-chave: Violência; contos; literatura cabo-verdiana.